



TRES LAGRIMAS

OBSERVAÇÃO

Em consequencia das leis que garantem a propriedade litteraria, este drama não poderá representar-se em parte alguma do Brazil sem antecipada permissão do autor.

FRANKLIN, TAVORA

TRÊS LAGRIMAS

DRAMA BRAZILEIRO

EM TRÊS ACTOS E SETE QUADROS

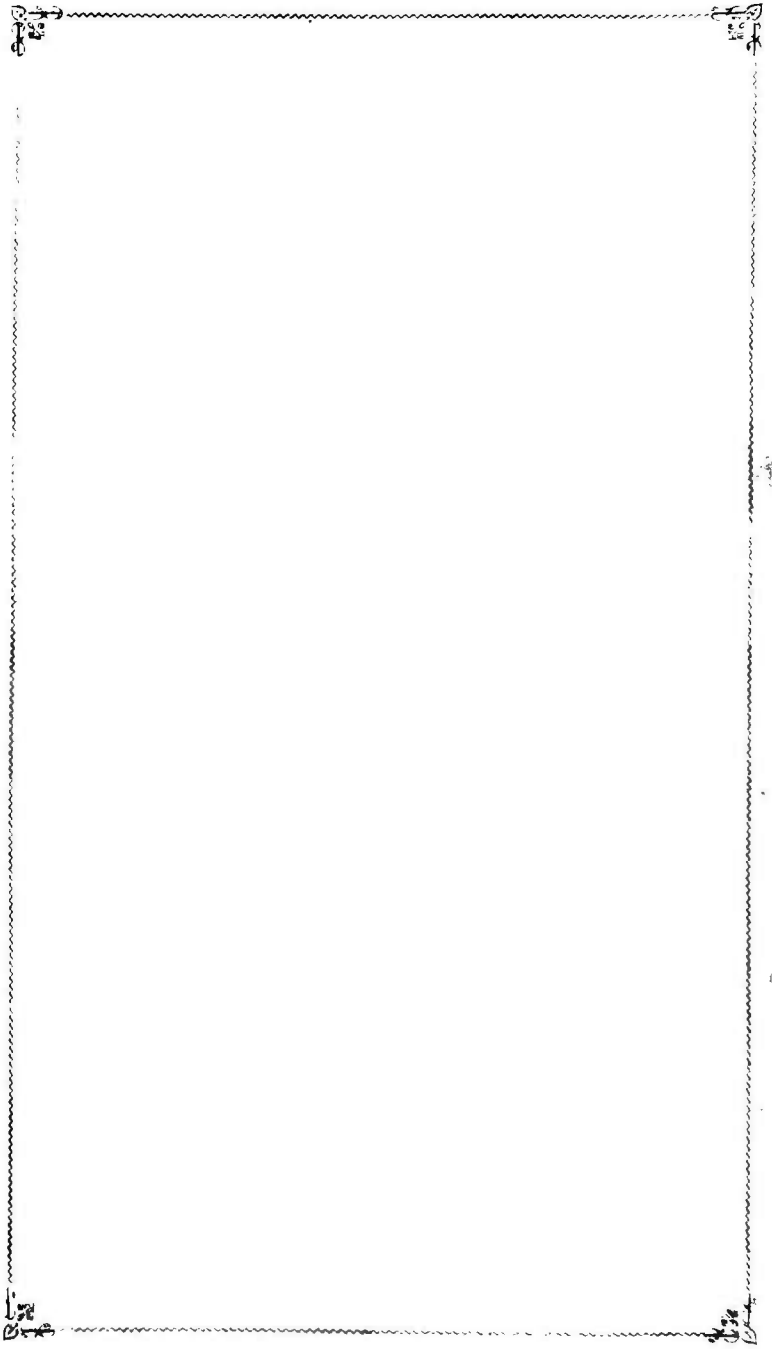
PUBLICADO PELA SOCIEDADE BENEFICENTE
DEZESETE DE JANEIRO

RECIFE :

TYP. MERCANTIL— DE C. E. MUHLERT & C.^a

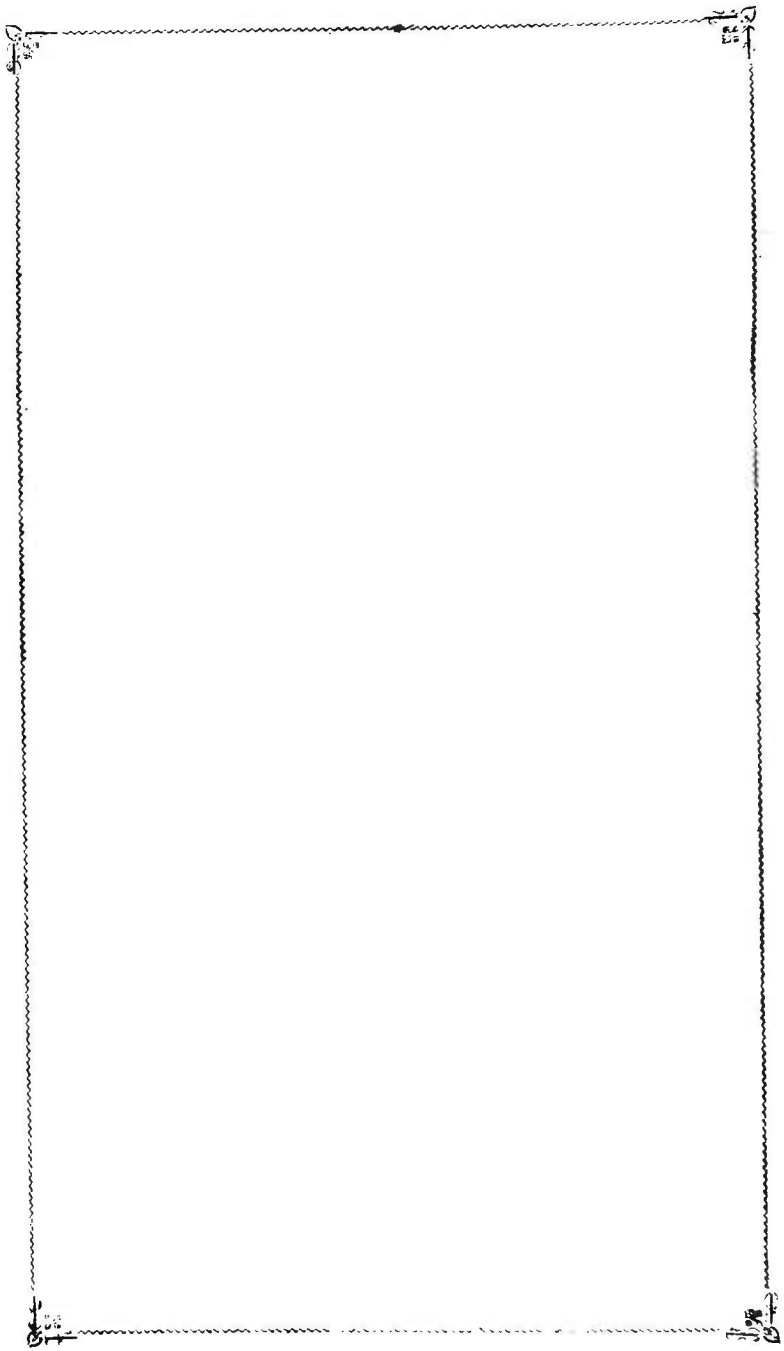
Rua do Torres n. 10.

1870.



A' SOCIEDADE

DEZESETE DE JANEIRO



NÃO DEIXEM DE LER

Em dias do mez de junho d'este anno uma voz generosa vinha annunciar-me uma grande novidade, não só para mim sinão tambem para muita gente, que sabe quanto impera o egoismo entre nós: era a sociedade cearense — DEZESETE DE JANEIRO — que me fazia sciente, por intermedio de seu digno socio, o sr. Severino Duarte, de que realisaria á sua custa a publicação do presente drama sem exigir de mim o minimo serviço, o minimo obolo em retribuição — obsequio grande, duas vezes grande: primeiro por ser um obsequio: segundo por ser trazido pela espontaneidade de um cavalheirismo raro — especie de moeda antiga, de ouro estreme, que apparece uma vez ou outra na circulação para contrastar, pela pureza do metal, com o infame quilate do nosso dinheiro de hoje.

Fiquei penhorado em excesso. Serviços de tal ordem constituem uma divida, que perdura sempre no coração sinceramente reconhecido e à que se pôde chamar a — cicatriz do beneficio.

Acceitando o excellente favor, apressei-me em publicar nas folhãs diarias d'esta cidade as palavras, que aqui reproduzo, para que tivesse prompto e vasto echo o meu voto de gratidão:

“ Acabo de receber um assinalado serviço da sociedade — DEZESETE DE JANEIRO, incumbindo-se de effectuar, a expensas suas, a impressão do meu drama — *Tres Lagrimas*.

“ Não é só isso um serviço, mas principalmente uma gloria das mais gratas, que por ventura já conto e possam ainda caber-me na minha vida litteraria; gloria, sim, porque o acto da sociedade foi todo espontaneo, vindo seu aviso surprender-me no humilde recesso de minha obscuridade; gloria de certo, e sobeja honra para mim por ter despertado, tão pequeno e desprezicioso, como sou, esse avanço de generosidade e essa solenne prova de consideração de tão respeitáveis e benemeritos concidadãos.

“ Aqui deixo registrados os nomes dos illms. srs. Alfredo Henrique Garcia, Candido Casimiro Guedes Alcoforado, João Joaquim Alves, Severino Duarte, dr. Chrysolito de Castro Chaves, João de Sá Leitão Junior e Francisco Vieira Perdigão, esclarecidos membros da directoria da sociedade, aos quaes especialmente llevo tão avantajado favor, e a quem venho dar publico testemunho de meu profundo reconhecimento. ”

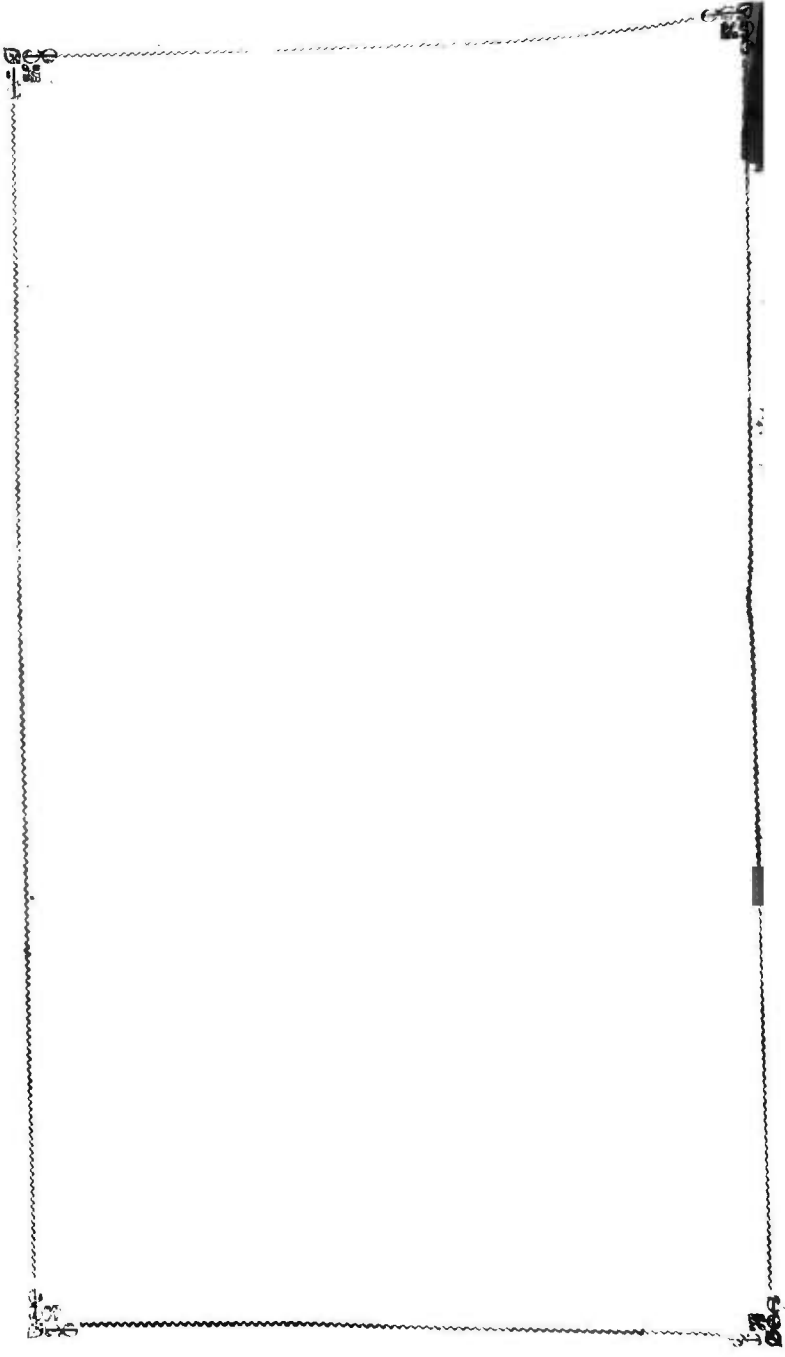
A prova de que a sociedade cumprio sua promessa, está na presente publicação. E cumprio-a esplendidamente, não economisando esforços nem despezas para lançar na zona litteraria um nitido volume, pelo qual se tivesse um reflexo, bem que, mesmo assim, escasso do brilhantismo de suas intenções.

Por agora é só o que me é licito dizer á sociedade — DEZESETE DE JANEIRO. —

Mas no retiro e no silencio de minha pobreza e de minha obscuridade faço votos para que melhores tempos me conduzam occasião de melhor provar-lhe quanto seu obsequio me deixou fundo e vivo traço no coração.

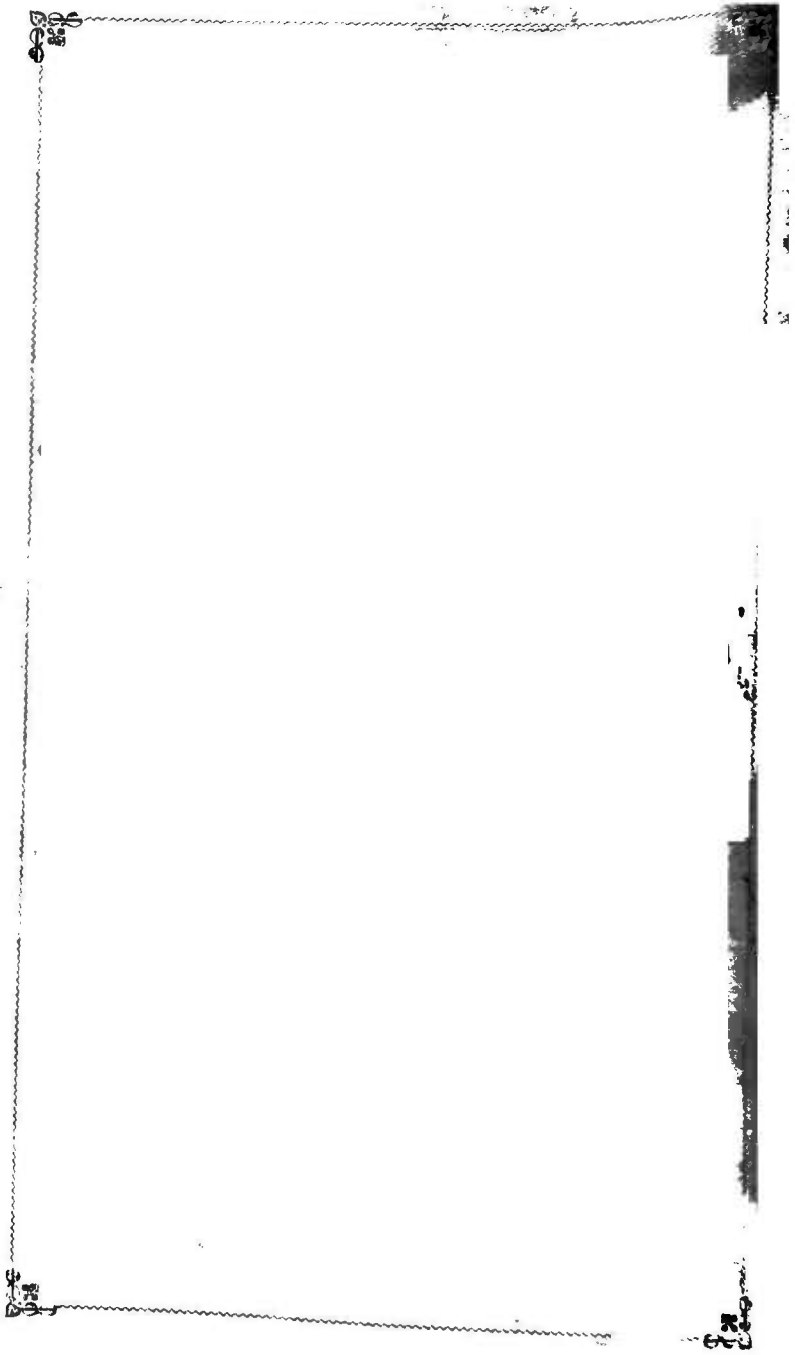
Franklin Savora.

Recife, 8 de julho de 1869.





ACTO PRIMEIRO



PRIMEIRO QUADRO

Salão esteirado. Portas e janelas ao fundo, que abrem sobre um terraço, orlado por um mejo gradil através do qual se deixa ver uma estrada. Portas lateraes. A esquerda um gabinete occupando uma quarta parte do scenario. E' noite. Moderada claridade de lua fóra, na estrada.

SCENA I

Catharina
FONSECA, ADELAIDE, sentados.

FONSECA

Folgo de ver-te, minha filha, já convalescida d'essa intensa affecção moral, que fóra uma loucura, um delirio abominavel.

ADELAIDE

Graças á sua solitudine, meu pai, a crise esvaeceu-se, restando-me d'ella apenas, para não ser como si não existira, uma vaga recordação.

FONSECA

Uma recordação que afinal se dissipará tambem, não é verdade?

ADELAIDE

Ha de ser assim.

FONSECA

E queiram lá vedar aos pais o direito de velarem pela sorte dos filhos! Absurda fôra a lei, que tal prohibição consagrasse; tão longe não levo a liberdade da próle. As primeiras as unicas e perfeitas são as leis do coração.

ADELAIDE, machinalmente

As leis do coração. Pausa.

FONSECA

Observa, observa-te, Adelaide. E's outra. Estás irradiada de uma suave e tranquill formosura. A uma rosa assemelha-se teu rosto angelico.

ADELAIDE

Tenho no rosto a rosa, e os espinhos da rosa onde devo trazê-los eu, meu pai?

FONSECA

Os espinhós.

ADELAIDE

Foi um gracejo.

FONSECA

Bem sei. Que mais podes aspirar? Na mulher a belleza é o maximo thesouro si se acha alliada á altivez. Belleza activa é belleza inteira.

ADELAIDE

Quer dizer.

FONSECA

... que as primeiras impressões não são as que devem determinar a posse do coração. O amor proprio é a primeira virtude na mulher de encantos. Amar não é ceder ao primeiro impulso do sentimento; é receber a direcção da reflexão.

ADELAIDE, com resentimento.

Não voltemos a esse passado amargo. Não vê? O que mais quer? Sua vontade. cumpri-a.

FONSECA

Obrigado por mim e por ti, Adelaide. Si soubesses que só para assignar-te um futuro feliz foi que vi-me forçado. a contrariar-te

Oh! Estremeço por ti, meu anjo. Adelaide limpa uma lagrima. Agora, sim; minha santa vaidade se alimenta dos incensos, que te queimam. Desejam possuir-te pessoas, que estão no caso de felicitar-te. Meus quarenta annos ainda me dei-

xam ver quanto basta para conhecer que és adorada... . . . queres que te diga por quem? Arde riso. Pelo barão de Santa Anna. Enganar-me-hia?

ADELAIDE

Pelo barão!

FONSECA

Desculpa a franqueza, quasi leviandade de um pai extremoso, cujo unico anhelo n'esta vida consiste em ver sua filha amparada. Meus parabens pela conquista, menina.

Luiz apparece além do gradil, na estrada, e mostra precatar-se para não ser preentido.

SCENA II

OS MESMOS, CREADO, LUIZ, ao fundo.

CREADO, pela direita.

O senhor visconde e mais alguns convidados. A Luiz, á meia voz, á porta do fundo. E' a senhora mesma. Tenha cuidado. Sahe.

FONSECA

Não vás ficar pensativa, Adelaide. Dá-me um beijo. Adelaide beija-o na frente. Adeus. Sahe. Adelaide põe-se a chorar. Luiz pula sobre o gradil e entra.

SCENA III

ADELAIDE, LUIZ, CREADO, no fim.

LUIZ, espreitando.

Está só? Não me engano?

ADELAIDE, surpresa.

Senhor, o que faz?

LUIZ

Ah! Pois julgava-me tão forte. . . De balde! Não pude resistir. Fôra inutil tentalo por mais tempo. Achar-me-hiam morto, achar-me-hiam sombra e desolação no silencio de mim mesmo! Pega-lhe das mãos. Nada tema. Ninguem nos virá interromper. Deixe-me beijar-lhe os dedos. Adelaide recusa-o. Nega-m'os? Não importa. Curvar-me-hei assim. ^{curva-se.} Vê? E beijarei, aturdido de amor, a fimbria de seu vestido arrendado. Beija-a.

ADELAIDE

Não me comprometta. Inquieta. Si alguém apparece!.. Olhe meu pai.

LUIZ, com calor.

Que venham quem quizer to-

dos... elle proprio! Quererão tambem exigir de mim que meu pobre coração não possa viver ao menos do que a ninguem é licito tolher—a vida interna, o amor occulto, o interesse modesto, a abnegação inevitavel? Não. Elles não seriam tão exigentes. O que podiam fazer, fizeram-n'o. O comico, o artista não devia ter por consorte a filha de João da Fonsêca, porque a sociedade cospe os artistas. Muito bem, muito bem; estão no seu direito. Mas o direito que a sociedade não tem sobre o actor é o de patear as effusões irresistiveis de seu coração. O coração é um scenario onde só se applaude. O ruido das apupadas do mundo não entra n'este recinto mão no peito impenetravel ao que é vil e ridiculo.

ADELAIDE

Peço-lhe, pelo céu, que me deixe, Luiz.

LUIZ

O que é isto? Já me despreza, minha senhora? Conseguiram que o fizesse? Com dor. Tudo podem esses homens. Só eu não tenho forças para destruir meu anathema!

ADELAIDE, como fôra de si.

Desprezal-o?

Como diz? LUIZ, impaciente.

ADELAIDE, transporte sublime.

Eu o amo!

LUIZ, fóra de si.

Sim ? Ainda, querido anjo ? Não ha Christo sem Cyreneu. Para que maior ventura ? Amar-me-ha sempre, Adelaide ?

ADELAIDE

Vá. Não me mate. Nem mais um instante.

LUIZ

Irei. Tira um cartão do bolso. Vê este retrato ? E' o seu.

ADELAIDE

O meu ?

LUIZ

Comprei-o ao photographo. Vi-a passar sabbado de carnaval, acompanhei-a de longe, até que entrou na officina. Conheci-lhe o destino, e dous dias depois tinha eu sua imagem conchegada ao meu peito, sempre, em casa ou na rua, dormindo ou em vigilia.

ADELAIDE

Retire-se por quem é. Vai a sahir.

LUIZ

Uma palavra : perdôa-me a temeridade ?

ADELAIDE

Adeus.

CREADO, á porta.

Senhor, vem gente. Sahe.

LUIZ

Adeus. até quando ?

ADELAIDE

Até. mais nunca ! Desapparece.

LUIZ, soluçando.

Meu Deus ! Meu Deus ! Esta dor mata-me ! Corre e desapparece por onde e como entrou.

SCENA IV

COUTINHO, AZEVEDO

COUTINHO

Fôra difficil acreditar-o si sua lealdade me não impozesse a veridicidade do facto.

AZEVEDO

São naturaes seus escrupulos.

COUTINHO

Ha de convir em que o são.

AZEVEDO

Mas.. triste verdade, com effeito!

COUTINHO

Mais do que triste—horriavel!

AZEVEDO

Aquí não ha olhos curiosos, que nos observem, nem ouvidos indiscretos que nos escutem. Quer saber tudo?

COUTINHO

Sentemo-nos. Sentam-se. Falle.

AZEVEDO, depois de pausa.

Havia um mez que meu irmão chegára da Europa; estavamos então na Tyjuca. Uma noite tomava eu a casa, tarde já, de volta de uma visita a um amigo. Aproximando-me d'este sitio, lobriguei aqui, ao pé do arvorêdo da estra-

da, um vulto pardo, espectro ou phantasma indciso que se confundia na sombra.

COUTINHO

Louco e desventurado amante! Si elle o soubesse!.

AZEVEDO

Em a noite subsequente á mesma hora, pela mesma occasião, o mesmo incognito sob a folhagem; vi-o. Demorei-me occulto debaixo de uma arvore para devassar o mysterio. Um instante depois aquella porta indica deu entrada ao individuo.

COUTINHO

Não o conheceu?

AZEVEDO

Fiquei alli colado, ao relento, com o tronco da arvore, cuja sombra cobria-me como de um manto impenetravel. Si eu amava tanto, tanto essa mulher! As quatro horas da manhan deixava a casa o forasteiro. Uma voz, como um sopro suave, sou de dentro, fugaz, suffocada, quasi imperceptivel. E dizia assim: " Vem amanha? „ Responderam-lhe. " Até á manhan. „

COUTINHO

Depressa. Acabe.

AZEVEDO

Foi a dôr, foi o desespero que entrou-me na alma. Ambas aquellas vozes, apezar de contrafeitas, conheci-as todas. *Esses infâmes amantes eram a filha do Fonsêca e o barão de Santa Anna.

COUTINHO

Ter-se-hia acaso enganado? Poderia ser isso uma vaga preocupação de seu espirito.

AZEVEDO

Juraria que não.

COUTINHO

Então era um crime?

AZEVEDO

Ainda o pergunta? Era a desgraça de uma mulher; cuja grinalda de pureza rolava no chão. Era a neblina azul e vaporosa das tardes estivas, desfeita por sopro de tormenta.

COUTINHO

Ah! mulheres! Eu vos detesto.

AZEVEDO

O que me diz agora ?

COUTINHO

Tenho acaso o direito de não acreditar no senhor ? Infelizmente não !

AZEVEDO

Bem vê. O facto colloca abaixo de reprobo o barão que devêra estar na calcêta.

COUTINHO

Penso de modo diverso. Ella é que devêra ficar, para punição de sua baixeza...

AZEVEDO

E' mulher, senhor ; é fraca.

COUTINHO

Fraca ? Té onde querem levar a fraqueza da mulher ? Fraca ! O senhor engana-se.

AZEVEDO

O que diz ?

COUTINHO

Não a lamento, causa-me asco. Recusou a

mão ao actor para vender corpo e alma ao agiota ignobil. Fracos somos nós, os homens, senhor Azevêdo. Fraco é o senhor que ama ainda esse áspide, é o Arthur que a idolatra, é o Luiz que enlouquece !

AZEVEDO

Faz-lhe injustiça, senhor Coutinho. Ella não casou com o Luiz por tê-lo prohibido expressamente o pai.

COUTINHO

Vem o Arthur, Deixe-nos sós um instante.

AZEVEDO

Mas não vá prejudicar-me, nem a pobre moça. E' possível que se levante do abysmo ainda.

COUTINHO

Aposto minha cabeça. O barão começa a saciar-se e o nosso Codigo não obriga a casar. Excellente ! Magnifico ! Applaudo de coração os barões. São admiraveis !

AZEVEDO

Até outra vez. Sahe, enquanto que Arthur entra.

SCENA V

COUTINHO, ARTHUR

ARTHUR, fallando para dentro.

E' linda como as tendas de Cedar, na phrase de Salomão.

COUTINHO, em galhofa.

Poeta, quem derramou os volções do infinito dentro das cratêras de tua alma?

ARTHUR

Deos, só Deos!

COUTINHO, gravemente.

Louço! O mar onde sua alma sobrenada julgando-o de leite, é um pelago negro, junca de urzes e povoado de espectros.

ARTHUR

Não repita estas palavras que matar-me-hia. Sei que as diz de proposito: E' impiedoso.

COUTINHO

Antigamente as mulheres casavam por amor. Hoje são mais agiotas que os contrabandistas.

ARTHUR

Quanta acrimonia n'estas palavras!

COUTINHO

Conhece o romance d'essa mulher? Um dia sentiu amor por um homem. Seu pai disse-lhe que rompesse o fio de seus affectos e ella respondeu-lhe: " Rompi-o ". E matou sua alma! Têl-a-hia ella?

ARTHUR

A Adelaide ama-me, Coutinho.

COUTINHO

Faz-me rir um momento, o senhor.

ARTHUR

Serei então um imbecil?

COUTINHO

E' uma criança, um coração fogoso, uma imaginação generosa, um espirito de mancebo de provincia, que toma as miragens seductôras, mas fugitivas, por numens bemditos. Não tem pai, serei seu pai; não tem mãe, serei sua mãe. Serei a sombra de um e de outro, aqui, alli, impertinente, sempre a seu lado, em qualquer par-

te. Sou seu amigo, e um amigo é uma providencia.

ARTHUR

Muito me penhora semelhante dedicação, mas. . .

COUTINHO

Póde dizer.

ARTHUR

Regeito a solicitude que não tiver por fim approximar-me d'aquella estrella de aspecto divino.

COUTINHO

Sabe a historia dos anjos que se transformaram em demonios?

ARTHUR, indicando dentro.

Olhe. Veja. Deliro pelos teus encantos, personificação da belleza que dansas.

COUTINHO, batendo-lhe no hombro.

Tenho uma cousa muito bonita . não!
muito lugubre, dolorosa para contar-lhe.

ARTHUR, voltado para dentro.

Estou ouvindo.

COUTINHO

E' inoportuna a occasião. Ahi está o Fonsêca.

ARTHUR, distrahido.

A' que respeito, a historia?

COUTINHO

A respeito de um pai e de uma filha que se desgraçaram pela ambição de posição e de riqueza. E' uma historia da epocha, palpitante de actualidade.

SCENA VI

OS MESMOS, FONSECA

FONSECA, entrando.

Não lhes perdão. Pois fogem aos gratos alvorocos do baile? Para Arthur. Não parece ser ainda um estudante, isto é uma alma vaporosa que acha alimento nos ruidos e nas impressões fortes.

ARTHUR

Prefiro o isolamento com um amigo ao rumor vertiginoso de indifferentes. Tem mau effeito as impressões fortes, desde que d'ellas cahe-se inevitavelmente no cansaço ou na apathia da sociedade, a mais aborrida de todas as apathias.

COUTINHO, a Fonseca.

Elle é poeta, e a poesia expande-se na solidão — diz um autor.

FONSECA

Não nasci para isso evidentemente. A solidão me incommoda o moral, quando não faz-me dormir. Palpitações, bulício, luta — nos homens e nas cousas — eis a vida. Demais o doutor está proximo de arrojarse, com o pergaminho na mão, ás ondas do grande mundo, onde rara vez paira a calmaria. Não conclue este anno seu curso?

ARTHUR

Assim o espero.

FONSECA

Muito me apraz ver cada dia os progressos d'essa mocidade que sahe das academias, tímida de vida, perguntando ao passado o que fez de sua patria, e ensinando ao futuro o caminho por onde deve conduzi-la. Mocidade, és o braço direito, o riso d'ouro do paiz!

ARTHUR

Esta linguagem excita-me. Si soubesse quanto me electrisa quando ouço as palavras *patria, progresso, mocidade, futuro!*

Bravo!

COUTINHO

FONSECA

Aliste-se quanto antes na politica.

ARTHUR

E' demasiado cêdo.

COUTINHO

Por esta face ha de ser sempre um estudante, isto é viverá de illusões.

FONSECA

Pois justamente n'isso é que conviria discriminar-se — e decidir-se. O vacuo é o indefinido. O poeta póde viver no vacuo, em quanto que o homem publico tem necessidade de palpar a realidade. Poesia! Que diabo é poesia?! Significa esterilidade, abstracção. Pense-se no interesse, no interesse, meus senhores. E' a palavra mais eloquente dos dictionarios, a senha cabalística da grande maçoneria social.

ARTHUR

E o talento?

COUTINHO

E a virtude?

FONSECA

O talento? A virtude? Talento pobre e virtude pobre não são nem virtude nem talento; perfumes perdidos no ar, vasados de um calice de flor, vagos, impalpáveis; notas cadenciosas que passam.

ARTHUR

Perdão, senhor Fonseca. Esta theoria.

FONSECA

Não lhe agrada? Nem tambem a mim. Creia, porém, que é a verdade por excellencia d'este nosso mundo, ou abstrusa sociedade. Assim tem ido os homens e as cousas. Tome meu conselho: vá com ambos como tem ido todos, até que um dia appareça por si mesma a mutação da vista. Toca orchestra. Deixemos estas cousas serias.

ARTHUR

Diga funebres, senhor Fonseca.

FONSECA

O prazer nos chama. Vamos. Dá o braço a Arthur e sahem todos.

SCENÆ VII

OLYMPIA, ADELAIDE, ARTHUR depois

OLYMPIA, fitando Arthur dentro de si para si.

Evita-me. Aproxima-se de um espelho á que concecta o penteado.

ADELAIDE entrando.

Estou cansada. O baile é uma perdição. A walsa uma vertigem louca. Para Olympia. Estava aqui, D. Olympia?

OLYMPIA

Fujo um instante ao movimento para reparar as forças perdidas.

ADELAIDE, sentando-se.

Parece com tudo não ter dansado ainda.

OLYMPIA

Ainda não.

ADELAIDE

Admira. A sociedade, que enche as salas, convida ao prazer. Não lhe parece?

OLYMPIA

Sim, mas soffri um pouco. Estou agora melhor. Foi uma ligeira perturbação da cabeça.

Não sei o que tenho, o muito rumor damnifica-me o organismo. Meu espirito dir-se-hia tallhado para impressões brandas.

ARTHUR, entrando.

O salão reclama a presença das duas rosas esquivas. As mulheres bellas são vestaes— não têm o direito de deixar extinguir-se o fogo sagrado da publica admiração. Pertencem ao culto dos fieis, como as lampadas do templo.

OLYMPIA

O doutor falla de rosas, quando aqui existe uma apenas indica Adelaide. Para quem estudou a botanica é um erro indesculpavel. Adelaide olha Arthur com desdem.

ARTHUR, olhar de paixão para Adelaide.

Si o naturalista póde enganar-se com as flores, o poeta nunca se enganará com os anjos.

OLYMPIA

Os homens lisongeiavam sempre.

ARTHUR

Os poetas nunca.

SCENA VIII

OS MESMOS, BARÃO DE SANT'ANNA

BARÃO, para Adelaide.

— Aceita meu braço?

ADELAIDE, erguendo-se.

Sua vinda foi uma providencia, senhor barão.

BARÃO

Não a percebo. Que quer dizer?

ADELAIDE

N'esta sala ha um principio miasmatico.
alludindo a Arthur com olhar de soberano desdeo..... que me
faz mal aos nervos. Fica, D. Olympia? Sahem.

OLYMPIA a Arthur.

Não dança?

Arthur acompanha Adelaide e o barão com vistas de amor e
de despeito, e sóbe até ao fim da scena.

ARTHUR descendo.

Suberbo luar! Olympia medita. A. Olympia. V exc.
não dança?

OLYMPIA

Com quem?

ARTHUR

Deus meu! Não ha de faltar nas salas. A formosura é o idolo de uma especie de religião cosmopolita—em toda a parte depara com dedicações e culto.

OLYMPIA

Tanta lisonja, senhor! Depois esses apostolos incensam as imagens, mas não as adoram.

ARTHUR

V. exc. conhece-os, os falsos cultores?

OLYMPIA

Conheço-os e desprezo-os tanto, quanto me devoto aos sacerdotes leaes.

ARTHUR

Parece ter nascido, não para viver nas sacristias e sim nos altares. O salão não é a sacristia do templo da vaidade e da corrupção?

OLYMPIA

Talvez diga a verdade, doutor, ao meu respeito. Desprezo a lisonja, detesto a adulação, abomino a vaidade. Causa-me horror a conquista calculada. Admiro e almejo um amor verdadeiro, vehemente, heroico como o de

Fausto. Os thuribularios não podem incensar-me; que diz?

ARTHUR.

Felicidade inaudita a de v. exc., minha senhora.

OLYMPIA

Sem embargo este quadro tem um reverso negro e frio. Minha alma é immensa e eu preciso de amor, de muito amor, ouviu? Não se espante com essa expansão. Não julgue mal de mim. A mulher, que não finge, si não merece louvores, tem o direito de não merecer condemnação.

ARTHUR

Certamente.

OLYMPIA

Toda a extensão de minha alma está vasia, senhor!

ARTHUR

Não se lamente. Calypso não se julgaria infeliz de ser immortal si não tivesse visto Ulysses.

OLYMPIA

Pareço-me tanto com Calypso quanto Ulysses com Fausto, doutor. Dê-me seu braço. Preciso de seu braço.

Quando vão a sahir, vem entrando Azêvedo e Tavares.

SCENA IX
AZEVEDO, TAVARES

TAVARES, acompanhando Arthur com a vista.

Tem-me cara de litterato mesmo, cara comprehendendo o nariz. Voltando-se para Azevedo. O que estariam dizendo estes dous innocentinhos?

AZEVEDO

Banalidades de salão. Cousas, que foram de hontem, que são de hoje e que serão de amanha.

TAVARES

Tens notado?

AZEVEDO

O que?

TAVARES

O tal estudante bebe os ares pela filha do Fonsêca, e a filha do barão de Serinhaem derrete-se, como um sorvête, de amores pelo estudante.

AZEVEDO

Não lhes invejo o desaccordo.

TAVARES

E todavia a filha do Fonsêca despreza o Arthur, emquanto que este por sua vez despre-

za a menina Olympia. Que indecente desconchavo!

AZEVEDO

Isto é que é o peor.

SCENA X

OS MESMOS, COUTINHO, BARÃO DE SANT'ANNA

COUTINHO

O doutor Arthur?

TAVARES

Planêta, parasita—gyra na penumbra do astro.

BARÃO, entrando.

Sabe, senhor Coutinho, quem seja esse moço com quem estive a conversar ha pouco, em companhia do barão de Serinhaem?

COUTINHO

Estranho que o não conheça. É um meu amigo.

BARÃO

Então acha singular que eu não conheça seus amigos?

COUTINHO

Disse mal, e corrijo-me.

BARAÕ

Ainda bem.

COUTINHO

Quero dizer que admiro que v. exc. não conheça um talento vigoroso que actualmente quasi toda a cõrte applaude com entusiastica admiração.

TAVARES, á meia voz a Azovêdo.

Toma !

BARAÕ

Si eu lhe perguntasse a como está o cambio na praça, teria rasão para admirar-se.

COUTINHO

Mas creio que v. exc. tambem consagra alguns momentos á litteratura.

BARAÕ

Não, engana-se. Litteratura ! O Brazil ha de ganhar muito com os poetas e romancistas.

Vai dando o andar.

COUTINHO, á meia voz a Tavares e Azevêdo.

Não ha de ganhar menos do que o que ganha com os barões.

TAVARES, á meia voz.

Bom ! Bom ! Aperta a mão a Coutinho com regozijo mas deixa-a de chofre logo que o barão volta-se.

BARAÕ, voltando-se.

Ouvi-o, senhor. Saiba que tenho optimo aparelho tocando com os dedos nos ouvidos.

COUTINHO

Estimo muito. O que disse-lhe pelas costas, posso repetir-lh'o em face, si v. exc. o exige.

TAVARES, como á cima para Azevedo.

Estou-me enthusiasmando com este proximo. E' de encher-me as medidas.

BARAÕ

E' muito amigo, pelo que vejo, do tal espirro de litterato.

COUTINHO

O escarneo não fica bem aos labios de um

cavalheiro ; e, na ausencia d'aquelle a quem é dirigido, revela covardia em quem o dirige.

AZEVEDO, á meia voz a Tavares.

Esta foi optima.

BARAÕ

A prudencia manda calar-me.

COUTINHO

Todos nós nos devemos mutuó acatamento.

BARAÕ

Não acceito licções de cortezia.

COUTINHO

E só as daria eu á quem ellas podessem aproveitar.

BARAÕ

Veja que o senhor é um comico.

COUTINHO

Veja que o Sr. é um barão.

SCENÆ XI

OS MESMOS, ADELAIDE

ADELAIDE, ao barão.

Conduza-me á *toilette*. Morre-se abafada nas salas.

BARÃO, dando-lhe o braço.

Nada me deve. Tambem agora foi v. exc. uma providencia para mim. Estamos, portanto, quites; salvou-me de commetter um escandalo! Dão o andar.

ADELAIDE

Explique-se. Desapparecem.

COUTINHO, acompanhando o barão com as vistas.

Titulos de nobreza convencional e maços de notas do Banco são tudo a mesma cousa. Cassam-se os primeiros, perdem-se os segundos na circulação, ou apprehendem-se quando são falsas, como acontece muita vez.

TAVARES

E então elle que dizem ser um barão conhecidamente passador de sedulas falsas. Não que eu saiba que elle as passe; é o que dizem. Sou seu caixeiro, mas verdade, verdade.

COUTINHO

O que é inconsumptível é a honra, é a virtude, é o saber. Sou um comico! E profere-se com desprezo esta palavra! Mas a idéa de comico me parece não excluir a de homem de bem.

AZEVEDO

Pois gostei de ouvi-lo. Emfim aquelle pedante é um barão.

COUTINHO

Sempre é bom dizer que é um barão da regra, porque os ha da *excepção*; exemplo: o de Serinhaem, que não comprou seu titulo por dinheiro, mas conquistou-o por seus relevantes serviços prestados aos desvalidos, durante o flagello da cholera morbo em 55.

AZEVEDO

Nem sei como o governo galardoou esse merecimento.

TAVARES

Foi em um dos seus momentos lucidos.
A Coutinho. Olhe que por causa do senhor achei-me na mais falsa das posições.

COUTINHO

Não o comprehendo.

TAVARES

Pois não sabe que sou caixeiro do barão de Sant'Anna? Antes fosse *barão do diabo*.

COUTINHO

Nem me lembrava de que aquelle homem podia ter um caixeiro. Mas eil-o que volta.

SCENA XII

**OS MESMOS, ADELAIDE, BARÃO
DE SANT'ANNA, ARTHUR, OLYMPIA,
CONVIDADOS**

BARÃO, entrando e voltando-se para os que o acompanham.

Não acham? A lembrança não é lá das menos opportunas.

OLYMPIA

Sim. Um passeio agora pelo jardim não póde deixar de ser muito aprazível.

ADELAIDE

E' mil vezes preferível o jardim á *toilette*.

ARTHUR

Este ar, de muito respirado que está, sufoca.

Os convidados sahem pelo fundo. — Azevêdo e Tavares também.—O barão, Arthur e Olympia tem subido a scena.—Adelaide vai collocar-se o *cache-nez* a um espelho.

COUTINHO, á meia voz—á Adelaide.

Sei tudo, minha senhora! V. exc. é a Eloá do Vigny. Alli está o seu Satan! designa o barão que conversa com Olympia á porta do fundo.

ADELAIDE, espavorida—fulminada—o olhar desvairado.

Senhor! Olha rapidamente para o grupo.

SCENA XIII

OS MESMOS, menos Azevedo, Tavares e os convidados,
FONSECA, BARÃO DE SERINHÃEM, CONSELHEIRO

FONSECA, ao barão de Serinhãem e ao conselheiro

Vão ver meu gabinete privado, o velho theatro das minhas recordações juvenis. Ao barão de Sant'Anna. O que vão fazer?

BARÃO DE SANTA'ANNA

Dar uma volta pelo jardim, ao luar que está soberbo.

FONSECA

Emquanto nós nos divertimos ao voltarête. Atravessa a scena com o barão de Serinhãem e o conselheiro, e entram no gabinete. O barão de Sant'Anna tem sahido, conduzindo Olympia pelo braço.—Adelaide sahe, fora de si.—Arthur vai a sahir, mas Coutinho pega-lhe da mão.

COUTINHO

Tenho que fallar-lhe. Descem a scena.

BARÃO DE SERINHAEM, no gabinete.

Sua alma de adolescente como que a vê impressa neste aposento, nestes moveis a Luiz XIV, não digo a verdade ?

FONSECA

Exactamente. Tempos felizes que se não repetem são as primeiras estações da juventude. Tudo é riso, amor, uma suave e embriagadora chiméra. Sentam-se em deredor de uma mesa.

COUTINHO, a Arthur.

Insiste em amar a filha do Fonseca? Reprehensivo. Está louco.

ARTHUR

Meu amigo, estas suas indevidas apprehensões molestam-me. Dá o andar para evital-o.

CONSELHEIRO, no gabinete.

As cartas ?

FONSECA

Esquecia-me. E' um instante. Levanta-se.—
O barão de Serinhãem e o conselheiro, examinando o aposento, des-
apparecem pela esquerda.—Fonseca chega á porta do tabique.

COUTINHO, a Arthur.

Doutor, a filha do Fonseca é uma mulher...
perdida! Choque profundo e visível em Fonseca, que pega-se a
porta e escuta.

ARTHUR a Coutinho.

Isto é uma calumnia aviltante, que mancha
seus labios.

COUTINHO

Juro-lh'ó pela minha honra, pela minha
honra, ouvió? E seu sacrificador foi o barão de
Sant'Anna.

ARTHUR na sala, FONSECA no gabinete.

O barão!

COUTINHO

Quer ir commigo ao jardim? Ahi ha de
offerecer-se occasião de o verificar.

ARTHUR, despeitado.

Não, não vou. Dá o andar e sahe.

COUTINHO, perplexo.

Si não fosse uma criança era um desgraçado!
Acompanha-o.

BARÃO DE SERINHAEM, apparecendo a Fonsêca.

Trouxe?

FONSECA, pegando-se á parêde.

Apagaram-se o candelabros, senhor barão?
Só tenho diante dos olhos uma escuridão afflic-
tiva.

CONSELHEIRO

O que tem?

FONSECA

E' uma vertigem. Que vertigem! Estou
como fulminado. Não ligo duas idéas.

BARÃO DE SERINHAEM

Quer que chame alguem? De pressa, um
medico!

FONSECA

Para que? Pausa. Estou melhor. Pausa.
Esperem. Pausa. Vou buscar as cartas. Sabe
lentamente. O barão e o conselheiro acompanham-n'o com as vistas,
collocados á porta do tabique. — Fonsêca desaparece pela porta
do fundo.

FIM DO PRIMEIRO QUADRO.

SEGUNDO QUADRO

Jardim. Parapeito e vasos com flores, ao fundo. Arvorêdos.
Caramanchéis. Assentos. Um alto cypreste. E' noite.
Lua fóra.

SCENA XIV

TAVARES, AZEVEDO, CONVIDADOS.

Os convidados, passeando, tomam pela esquerda. — Tavares e Azevêdo vem sentar-se, a fumarem sob um caramanchel, á bocca da scena.

TAVARES, com abandono.

Quando mordo nas exquisitices d'esses homens de salão, dizem que quero fazer-me de Diogenes, mas não passo de um Diogenes sem pipa. E de véras não é uma extravagancia de grosso quilate conservar-se um cypreste em um jardim?

AZEVEDO

Não. Pelo contrario. Acho uma harmonia natural e philosophica talvez.

TAVARES

Philosophica! E' boa! A philosophia é uma panacéa — justifica todos os disparates e aduba as idéas mais destemperadas.

AZEVEDO

Porque julgas desproposito o cypreste no jardim?

TAVARES

Porque o jardim é um logar de recreio, de prazeres, de felicidade em summa. Tem perfumes, bellezas naturaes designa os arbustos, bellezas d'arte designa as estatuétas e os jarros. Ao passo que o cypreste é um agouro de cemiterio, uma especie de mocho vegetal, cujos rumores são funebres como o canto dos mochos animaes.

AZEVEDO

Pois sim. O cypreste, representando a dor e a morte, no jardim, que é o interprete da alegria e da vida, explica a intima relação que casa aquelles factos heterogeneos.

TAVARES

Peço vista, meu caro. Aquillo não passa de uma das muitas novidades do Fonsêca, uma phantasia parva. O cypreste junto do cacto! Não perdôo.

AZEVEDO

Quanta belleza e verdade!

TAVARES, tira uma flor de cactus.

Vê como é mimosa esta flor. Mostra-lh'a. Que cheiro delicado e fino! Chega-lh'a ao nariz. Escuta agora o sussurro agourento do cypreste. Estás ouvindo? Ora vê lá si são cousas que se harmonisem.

AZEVEDO

Porque não? A dor e o prazer são dous inquietos de uma mesma habitação. Um occupa os aposentos inferiores em quanto que o outro os aposentos superiores. Mas os inquilinos vêem-se, cumprimentam-se, conversam, sahem até de braço dado á rua.

TAVARES

São dous consortes que, por não poderem viver um sem o outro, sempre se acham juntos. Quando vem alguém procurar o marido, este chama sua esposa e apresenta-a ao seu hospede. Quando succede não encontrarem-n'o em casa, diz a mulher: "Sente-se. Meu marido não tarda. Espere um pouco. "

AZEVEDO

Acceito a correcção tanto mais justa, quanto ahi a mulher symbolisa a dor, e é da mulher que quasi todos os desgostos se originam.

Levantam-se.

TAVARES, dramatico, recitando.

“ Metade do infeliz genero humano
Diriva da mulher gosto e desgosto. „

AZEVEDO

Bravissimo! São teus estes versos?

TAVARES

São do grande Bocage. Desapparecem por entre
os canteiros da esquerda.

SCENA XY

BARÃO DE SANT'ANNA, OLYMPIA.

BARÃO, passando para a esquerda com Olypia de braço.

Applaudo e admiro sua leviandade, minha
senhora; e sobretudo seu optimo gosto.

OLYMPIA

Acha leviandade? A isso chamo eu fran-
queza, verdade do coração. Perguntou-me, res-
pondi-lhe. Sinto por esse moço uma d'essas
paixões loucas, delirosas, inevitaveis.

BARÃO, rindo.

São singularidades do temperamento femi-

nil. Vê esta flor de cacto que está no chão? E' elle, é o Arthur. Apanhe a flor, e colloque-a no seu scio. Designa a flor abandonada por Tavares.

OLYMPIA, apanhando-a.

Faço-lhe a vontade, senhor barão; curvou-me para erguel-a até mim. Cae uma flor de cima das ramas de uma trepadeira. Repare. Si tivéssemos de classificar as flores segundo as hierarchias que occupam os homens na sociedade, poderíamos dizer que aquella flôr indiga a que cahiu, pela sua altura, estava na hierarchia dos barões. Mas, veja: estava bem alto, e cahiu de murcha, de pôdre, talvez. Esta, embora a houvessem abandonado sobre a grama, tem viço ainda e muita fragrancia.

BARAÕ

Tem mais malicia do que espirito v. exc.

OLYMPIA

Offendeu-se? Sem razão.

BARAÕ

V. exc. só pôde offender-se á si mesma.

OLYMPIA

Tenho uma alma ardente, de vãos arreba-

tados. Desculpe estas effusões. Não está em mim suffocal-as. Quer continuar no passeio?

BARAÕ

Sou um creado de v. exc. Vão para a esquerda, em quanto Arthur apparece á direita.

SCENÆ XVI

ARTHUR, ADELAIDE

Arthur vem sentar-se triste e meditativo.

ADELAIDE, entrando com arrebatamento.

Procurava-o, senhor barão.

ARTHUR, erguendo-se.

Enganou-se, minha senhora.

ADELAIDE

Ah! Pois era o senhor?! Recúa.

ARTHUR

Porque me foge?

ADELAIDE

Desculpe o equivoco.

ARTHUR

Sem duvida esperava encontrar aqui.
Era outro que esperava encontrar, não é verdade ?

ADELAIDE

Sim. Tenho que fallar com o barão de Sant'Anna.

ARTHUR

V. exc. mata-me com estas palavras.

ADELAIDE

Mas, senhor, as leis da decencia não vedam que uma senhora falle a um homem.

ARTHUR

Sim, sim, minha senhora ; mas é que eu amo-a !

ADELAIDE

O senhor surprende-me.

ARTHUR

Amo-a com desvario.

ADELAIDE

Sinto não poder corresponder ao seu affecto.

ARTHUR, com effusão.

Não me mate. Tenha dó de mim. Peça-lhe minha felicidade, e por isso não me envergonho de pedir. Não ria de minha paixão. Despreza-me porque não tenho as riquezas do barão? Que impiedade! Por quem é diga-me que não adoro uma visão apenas. Seja o orvalho do céu indica o alto que refrigera a madre-silva designa esta planta. Conforte-me. Derrame-me uma esperança, siquer, n'este mundo mão no peito tão ermo d'ellas! Deve ser bem grato um raio luminoso para quem succumbe em um deserto de trevas. A generosidade é uma virtude.

ADELAIDE

Por Deus, senhor! Considere na inconveniencia de taes revelações feitas no ermo, a uma mulher que tem o que perder. Desculpe-me esta rudeza; mas o senhor obriga-me, a usar do direito de retirar-me. Sahe.—Coutinho apparece á direita.

ARTHUR, como louco.

Adelaide! Prostrado. Solidão, tudo solidão aqui, n'esta alma. Amanhan será a morte! Senta-se abatido.

SCENA XVII

ARTHUR, COUTINHO

COUTINHO, batendo-lhe no hombro.

Amanhan será a vida, a elevação, a felicidade. O futuro para o senhor é um riso. Coragem!

ARTHUR

Ella me despreza porque sou pobre.

COUTINHO

Amanhan será rico e grande, digo-lh'o eu; mas ha de ser altivo, peço-lh'o, altivo para todos esses parasitas que se abraçam ás grandes arvores, porque vivem de seiva como os vampiros de sangue de outrem, e que fogem das flores, porque as flores só tem perfume.

ARTHUR

Mas esta dor....!

COUTINHO

Vive só pelo coração? Onde está o seu talento? Bem dizem que o muito talento perde o homem.

ARTHUR

O talento vestido de andrajos é o Christo carregando a cruz por entre espinhos e sangue—só encontra escarneos e apupadas.

COUTINHO

Tranquillise-se. Todos os thesouros do mundo poderiam fazer uma cabeça como a sua?

ARTHUR, desvairado.

Talento, eu te renego! Dinheiro, eu te abenço! Tu és a divindade do mundo! Dêem-me dinheiro, que eu sou um miseravel. Dêem-me dinheiro e cuspirei na intelligencia e sobre a honra!

COUTINHO

Não haverá remedio para esta insania?! Despreze essa mulher que o escarneceu á face do céu e da solidão. O que vale? Aquelles labios perderam o nectar da virgindade; ficaram a impureza, como em bocca de serpe se guarda a peçonha mortifera. O senhor é um moço pobre, porém de honra e de genio.

ARTHUR

Calumniam-n'a.

COUTINHO

Quer o amor e a virtude? É insensatez procural-os em uma mulhdr que ludibría das afeições mais santas quando não vôam té ella com azas. de ouro!

ARTHUR

Tem razão.

COUTINHO

Confie na providencia. Continúe a cultivar o abençoado solo de seu espirito e a trilhar este caminho de invejavel e modesta probidade. Deixe a filha do Fonsêca para o barão.

ARTHUR

Oh! quanto esta idéa me punge!

COUTINHO

Procura a felicidade? Não ha de achal-a no dinheiro ou na fragil belleza. O casamento vantajoso não consiste nos encantos de um rosto ou em um volumoso dote; é aquelle em que os labios da mulher conservam a pudicicia do berço, e são ungidos pelos perfumes de um innocente amor.

ARTHUR

Suas palavras estão me fazendo bem, meu amigo.

COUTINHO

Os poetas não devem ajoelhar-se e render culto a um idolo profanado.

ARTHUR

Profanado ! Que dôr, Deus meu !

COUTINHO, á meia voz.

Veja, veja. Ahi vêm ella. Retiremo-nos e occultemo-nos sob o caramanchão. Vão ter de certo, ella e o barão, uma scena de recriminações. Lancei combustivel para isto em seu espirito.

ARTHUR

Vamos. Desapparecem pela direita. O barão-entra pela esquerda.

SCENÆ XVIII

BARÃO DE SANT'ANNA, ADELAIDE

BARÃO, como se dirigindo a elles.

Não me viram ? Pois eu vi-os de sob a fohagem e alguma cousa ouvi. E é um comico arvorado em Desjenais ! Custar-lhe-ha caro, talvez.

ADELAIDE

Busco-o ha um seculo.

BARAÕ

Tanto não tem de idade, juraria eu, salvo si é como aquellas visões da antiguidade que, adormecidas durante cem annos, despertavam depois no mesmo viço de mocidade e formosura.

ADELAIDE

Assemelho-me áquelles millionarios que se deitam com as chaves do cofre sob o travesseiro, e, quando acordam, acham-se roubados. Que é feito do meu thesouro, senhor barão?

BARAÕ, surpreso.

O seu thesouro!

ADELAIDE

O senhor roubou — m'o e nas salas já se sabe que foi o senhor o autor d'esse delicto; o Coutinho disse-m'o a mim.

BARAÕ

O Coutinho! Ainda si fosse o Arthur, com quem ha pouco a senhora conversava com todas as ternuras de um coração justamente correspondido!

ADELAIDE

Falta á verdade ou diverte-se em aggravar minha angustia. Será crível que pretenda abandonar-me na minha queda ?

BARÃO

Adelaide, a senhora é uma moça de corte; conhece os segredos da vaidade e falla correctamente a linguagem da simulação.

ADELAIDE

Sem duvida dá corpo a um méro pretexto para escapar-me : furta-se o jasmim da rama para aspirar-se seu aroma--quando d'este nada mais resta, atira-se a flor ao chão. Mas é indigno, senhor barão, por imaginarios motivos repudiar-se uma mulher que se sacrificou. Vale antes embeber-se-lhe um punhal no peito; e vê? Aqui lhe offereço meu collo a descoberto. Os arvo-rêdos do jardim são sombrios, os olhos da noite são cegos, os raios da lua — bem o sabe — não costumam revelar os segredos dos ermos.

BARÃO

Recorre ao pathetico para mascarar sua perfidia ?!

ADELAIDE, dolorosamente.

Perfidia!

Coutinho e Arthur passam á sorrelfa da direita para a esquerda.

SCENA XIX

OS MESMOS, ARTHUR, COUTINHO.

COUTINHO, indicando os dous.
Vê?

ARTHUR

Grande Deus!

COUTINHO

Acredita?

ARTHUR

Um pouco mais. Quero esgotar o calix.

Escondem-se.

ADELAIDE

Adivinho estar por terra, e que não será sua mão que ha de levantar-me; em mão de algoz póde caber misericordia? E' profundo o abysmo; e seu braço, de pouco generoso que era, tornou-se perfido.

BARAÕ

Suppõe-me tão néscio, que não lhe conheça o disfarce?

ADELAIDE

Senhor: fará o obsequio de dizer-me si isto é um sonho?!

BARAÕ

Insiste? Compreenda-me de uma vez por todas. Não daria nunca minha mão a uma mulher que se entregou a osculos de outro homem, embora fosse eu o primeiro a osculá-la.

ADELAIDE

Senhor: nunca me passou pela mente que pudesse um homem ser tão infame! Onde é que tem a vida? A vida reside no coração.

BARAÕ

. e na cabeça.

ADELAIDE

E o senhor terá coração?

BARAÕ

Para o homem social a vida inteira reside na cabeça.

ADELAIDE, resoluta.

Pois bem: tenha presença de animo para levar-me á ultima consequencia de sua indignidade. Bata-me com a cabeça contra este marmore ou corte-me a respiração com este cinto. Mate-me, que não me mata, dá-me a vida. Fonseca apparece.

Delira !

BARAÕ

ADELAIDE, em pranto.

Não sente quanto o silencio da chacara é profundo e solemne? Oh! Parece-me que tudo . . . o céu. . . as flores. . . o luar. . . tudo tem paixão de meu infortunio e prepara-se para pedir-lhe. . . não! para ameaçal-o com um remorso tão vasto como a minha perdição! Fonseca aproxima-se pallido e desvairado.

SCENA XX

OS MESMOS, FONSECA

FONSECA

Que espectaculo, que desgraça é esta? Adelaide! senhor barão! Digam-me o que tudo isto significa. Adelaide deixa-se cahir de joelhos, com a cabeça inclinada, em pranto, sobre o banco de pedra.

BARAÕ

O senhor não estava jogando, senhor Fonseca ?!

FONSECA, solemne.

Joguei e . . . perdi! Joguei meu unico possuido, e o senhor ganhou-m'o. Não, roubou-m'o!

BARAÕ

Tem consciencia do que diz ?

FONSECA

Não se altere. Falle baixo. Aqui ha um crime e alli a direita ha muita gente indiscreta. Peço-lh'o por estes cabellos grizalhos. Sou um pai infeliz, mas não quero que me pranteie o mundo. Minhas desventuras quero commigo chorar-as só.

BARAÕ

Explique-se.

FONSECA

Quer explicação mais viva ? Aquella pagina aponta Adelaide encerra todas as eloquencias de umador !

BARAÕ

Está louco ?!

FONSECA, com força.

Ou casa com minha filha ou desfecho-lhe um revolver. Escolha.

BARAÕ

Casamento e revolver! São idéas heterogeneas. Ri-se.

FONSECA

Ri-se, perfido ?!

BARAÕ

Acha que devo chorar ?

FONSECA

O senhor deve morrer! E te matarei, miseravel! Parte para elle e agarra-o, colerico.

BARAÕ

Imbecil! . Empurra-o com força que o faz cahir aturdido, e sahe correndo.— Fonseca levanta-se e procura seguil-o, mas Adelaide se interpõe.

ADELAIDE

Meu pai !

SCENA XXI

ADELAIDE, FONSECA

FONSECA, como doudo.

Desgraçada! Tu te sacrificaste!

ADELAIDE

Meu pai, sou uma abjecta mulher. Desgraçei-me, porém, pela céga dedicação que era de meu dever prestar-lhe e de que abusou. Amei um homem. Era a flor de meus sonhos, a limpida urna de minha felicidade. Flor, sonho, felici-

dade, tudo se dissipou como luz que se apaga. Fiquei isolada. Um deserto de trevas envolvia-me. Entreguei-me ao primeiro monstro que appareceu-me e que satisfez sua ambição, meu pai!

FONSECA

Que queres dizer?

ADELAIDE

Quero dizer que caí no abysmo porque para elle me arrojaram. Ninguem me condemne. Não foi minha a culpa. Cedi a um impulso estranho.

FONSECA

Entendo. Minha ambição cegou-te.

ADELAIDE

Creia-o, foi sua desmedida cobiça que perdeu-me. Fora de si. Meu algoz?! E' o senhor!

FONSECA

Cala-te, cruel! Vê que morro!

ADELAIDE

Com que interesse abafou os effluvios de meu seio? O ouro, a posição, senhor, valem cousa alguma sem o amor? Isto que vê é um corpo

morto. Aqui dentro ha pó. Quererá amaldiçoar estes restos frios, estas cinzas de uma mocidade queimada pela sua mão?!

FONSECA

Estás vendo aquella eminencia ingreme do pico?

ADELAIDE, inquieta.

Acabe.

FONSECA

As pedras roladas de cima chegam embaixo esbandalhadas. Subiremos ao cabeça e de lá como pedra nos atiraremos.

ADELAIDE

E' a unica salvação de nossa honra!

FONSECA

Si occasionei tua perdição, desaparecerei tambem, para punição minha, no turbilhão da poeira da queda, cadaver como tu.

ADELAIDE

Acceito.

FONSECA

Corramos. Condul-a.—Pára no meio da scena. Adelaide, deixa-me morrer só. Ah! Amo-te tanto. Cahem — Coutinho e Arthur correm da esquerda.

SCENÆ XXII

OS MESMOS, COUTINHO, ARTHUR.

COUTINHO, gritando.

Accudam! Accudam! No jardim.

SCENÆ XXIII

OS MESMOS, OLYMPIA, CONSELHEIRO, BARÃO de SERNHAEM, TAVARES, AZEVEDO, CONVIDADOS.

BARÃO

Eu vi que elle soffria.

CONSELHEIRO, a Coutinho.

Já vinhamos em seu soccorro. Aquella perturbação de cabeça, que teve no gabinête, não podia deixar de trazer este resultado.

AZEVEDO

Um medico!

FONSECA, desvairado.

O barão de Sant'Anna?

CONSELHEIRO

Que tem, meu amigo?

FONSECA

Quero dizer-lhe que conduza esta mulher para sua casa. Adelaide occulta o rosto com as mãos.

BARÃO

Senhor Fonseca, está fóra de si?

CONSELHEIRO

Ah! Agora comprehendo tudo!

FONSECA

Ignoram que deixei de ser pai d'ella desde que sacrifiquei-a á minha vaidade? Chamem-me o barão. Ouve-se rodar um carro e vê-se passar no fundo o barão de Sant' Anna montado em seu thilbury.

TAVARES, indicando-o.

Eil-o que se põe a pannos em seu thilbury.

ADELAIDE, grito profundo.

Ah! Cahe de joelhos com a cabeça pendida sobre o banco.

FONSECA

Então, meus senhores? Está interrompida a festa? Não ha de que. Aos salões, ás musicas, ás dansas. Cahe.—O couselheiro e o barão de Serinhaem conduzem-n'o nos braços pela direita.—Olympia vai levantar Adelaide.

AZEVEDO, a Tavares.

Não te havia dito ha pouco? Compreendes agora a harmonia do cypreste com o jardim? Ha ou não philosophia n'isso? E uma philosophia bem amarga! Dão o andar.

ARTHUR, a Coutinho, em quanto Olympia vai conduzindo Adelaide lentamente.

Sinto-me desanimar.

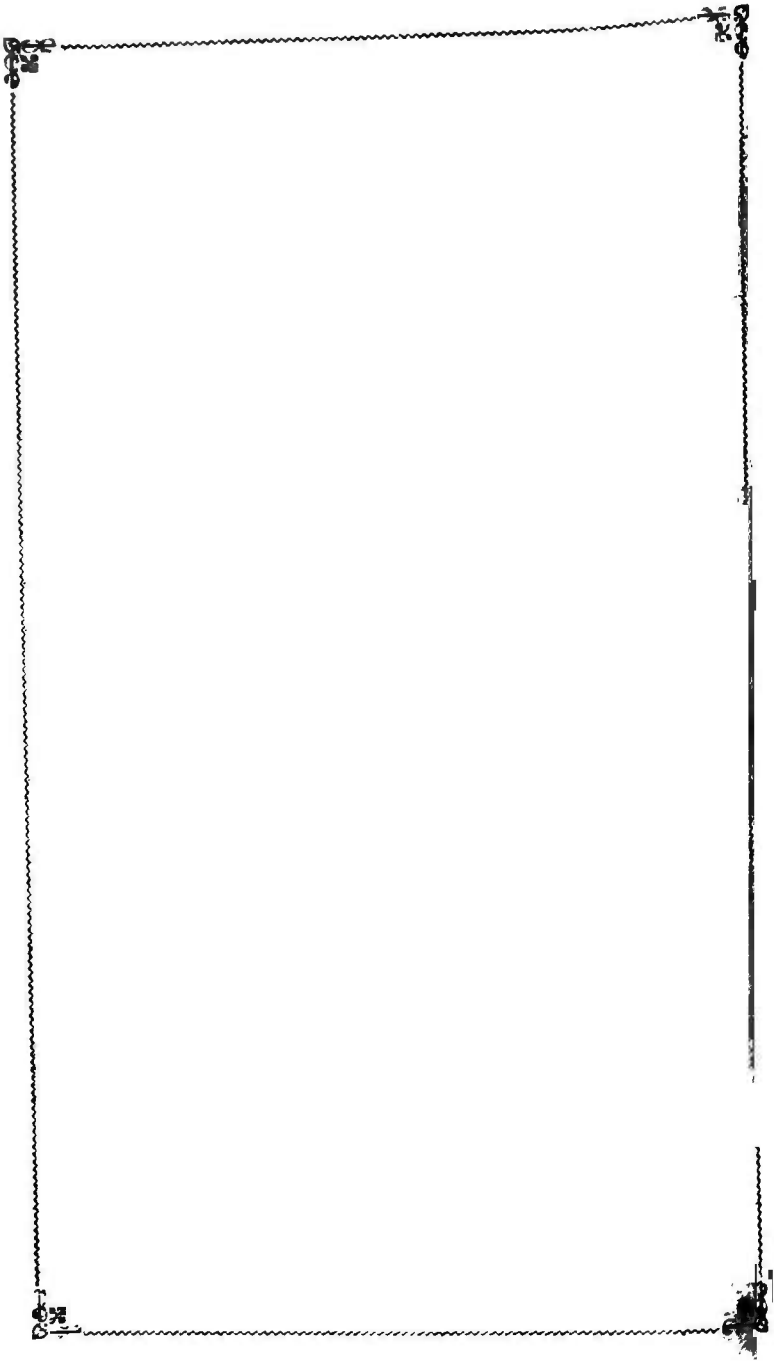
COUTINHO

Sómente porque testemunha a punição de um crime? Fôra pusillanidade. Deixe ensopear-lhe a palpebra aquella lagrima de sangue. E' a lagrima da deshonna. Dão o andar.

FIM DO SEGUNDO QUADRO.



ACTO SEGUNDO



TERCEIRO QUADRO

A caixa do theatro de S. Pedro, na Corte, em natural
desarranjo. E' dia.

SCENA 1

GEORGINA, 1º e 2º ACTORES.

Todos sentados em tamborêtes em derredor de uma mesa.

1º ACTOR, fumando.

Conta-nos tua historia, Georgina. Sabemos que tens um passado rico de episodios melodramaticos.

GEORGINA

Nunca me achei tão indisposta; amanheci hoje fria como um cadaver. Parece-me que tenho mortas as paixões na alma.

2º ACTOR

Ora, vamos. Queres cerveja, queres cognac? A cerveja é o nectar do actor. Escolhe. E ha de ser logo em quanto não chega o Luiz.

1º ACTOR

Tenho de ambos estes famosos elixires em meu camarim.

GEORGINA

Importunos! Imprudentes! Não vêem que me estão tentando? Venha o cognac. O 1.º Actor sahe a correr e volta logo trazendo garrafas e copos.

1º ACTOR, enchendo nm calix.

A tua saude, Georgina!

2º ACTOR

Ao teu passado. Bebem.

GEORGINA

Meu passado! E' insondavel como o oceano.

1º ACTOR

De pressa com isso. Queres mais?

GEORGINA

Logo.

2º ACTOR, depois de pausa.

Eia. Principia.

GEORGINA

Uma vez estavamos em Napoles; era eu e esse fidalgo que tirou-me da casa de meu pai, em Sevilha. Elle me amava com toda a vehe-

mencia do sangue castelhano que lhe pulava nas veias; quanto a mim, não obstante ter visto a luz pela primeira vez sob esse lindo céu da Andaluzia, apenas o acompanhava porque elle era rico e pródigo.

1° ACTOR

Muito bem. E's o typo ou a ultima edição da mulher da epoca, vinda da Europa.

2° ACTOR

E não deixaste na solidão de tua aldeia algum amante candido, imberbe, a finir-se de amor por ti?

GEORGINA, rindo.

Ha! ah! ah! De amor! Sim, deixei um, louro e formoso como uma das virgens de Murillo; morreu de imbecilidade poucos dias depois de minha partida. Não notem que eu ria-me sempre que se me falla em amor. São uns parvos esses mancebos romanticos, que fazem idyllos e se apaixonam por mulheres.

1° ACTOR

Guarda para outra occasião a moralidade. Por agora já é já a narração.

GEORGINA, apresentando-lhe o callx. O 1.º Actor enche-o e ella bebe.

Um dia Perez entrou em casa, rubro de colera; Perez era o meu amante. “ Quanto te deu esse homem com quem passeiaste hontem? ” perguntou-me. Não respondi. Sobre um divan estava um florête com que elle costumava esgrimir com alguns amigos. Munida d’essa arma, parti para elle. Perez riu-se; era um riso hypocrita de fazer horror. “ Ah! finges-te offendida! me disse elle. E não me respondes! Mas eu sei que te vendeste. ! Esse homem era meu amigo. Contou-me tudo, e depois. . matei-o. ” Assim concluiu, e rapido sua mão estalou-me no rosto. Cahi, para levantar-me logo. Perez tinha-me cuspidido na face: Quando procurei feril-o com a lamina, elle disse-me: “ Não é muito que vendas uma das faces á infamia, quando vendes o corpo inteiro. ” Atirou-me uma bolsa cheia de ouro e desapareceu.

1º ACTOR

Suberba aventura! E que fizeste?

2º ACTOR

Correste atraz e cravaste-lhe o florête pelas costas, não foi assim? Covarde, que foste!

GEORGINA, sublime cynismo.

Não. Apanhei a bolsa e contei o dinheiro.
Eram mil florins.

2º ACTOR

Bonito!

GEORGINA

Ha por ahi muita scena de romance semelhante a esta; mas juro-lhes, por minha alma, que tudo isto é verdade, e succedeu commigo tal qual acabo de referir.

1º ACTOR

Continua.

GEORGINA

Dous dias depois Perez morria como um hespanhol. Avaliem, si são capazes.

2º ACTOR

Dize logo.

GEORGINA

Atirava-se dentro de uma das . . . cratêras do Vesuvio. - Rindo. Ha! ha! ha! Que morte de mau gosto!

2º ACTOR

Morreu com honras de costellêta.

1º ACTOR

Que horror! E depois?

GEORGINA

Depois... Figurei-me Corinna — passei nos campos de Napoles em companhia do meu novo amante, aquelle por amor de quem havia sido infiel a Perez.

1º ACTOR

E elle te beijava talvez n'essa face.

GEORGINA

De certo. Pois si eu era joven e bella! . . .
Oh! Faz frio como nos Pyreneus. Mais cognac.
Quando está bebendo, entra Tavares.

SCENA II

OS MESMOS, TAVARES

TAVARES, aos actores — cumprimentando-os.

Meus senhores. A meia voz—á Georgina. A senhora não se corrige! Está nos seus geraes. Acha isto muito edificante?

GEORGINA

Sou assim, meu campeão. Olhe: em o senhor não me querendo, ahí está o Mottinha, que anda com a aza cahida por mim. Ha pouco foi o senhor sahir de casa e foi elle a entrar sem mais aquella. Creia que não me faz favor...

TAVARES

Bem a conheço, cynica!

GEORGINA

Tanto melhor.

1.º ACTOR, a Tavares.

Quem é o senhor? O que quer?

TAVARES

Sou caixeiro do barão de Sant'Anna e venho receber o importe do aluguel das tapeçarias, que para cá vieram.

2.º ACTOR

Tenha a bondade de vir outra vez. O empresario não está.

SCENA XII

OS MESMOS, 3.º ACTOR

3.º ACTOR

Vim á correr para o ensaio. Mas o Luiz não chegou !

2.º ACTOR

Ainda não.

3.º ACTOR

Bem o suppunha. E não virá de certo.

GEORGINA

Porque então ?

3.º ACTOR

Pois não souberam ?

1.º ACTOR

Nada, não.

3.º ACTOR

Não sabem que elle amava a filha de um individuo, que mora lá para as bandas da Tijuca ?

GEORGINA

Ouvi fallar n'isso.

TAVARES, á meia voz a Georgina.

Ouviste, serpe? Antes de seres como és, foste como ella era.

3.º ACTOR

Pois sim. E' o caso. Houve hontem uma scena de escandalo com essa moça. O pai está a perder o juizo; ella em casa do barão de Sant'Anna.

GEORGINA

De véras? rindo. E dizem que sou cynica, sem verem que essas moças solteiras, em casa de seus pais, tem tanta hypocrisia!

O 1.º, 2.º e 3.º Actores conversam entre si, emquanto Tavares se aproxima de Georgina.

TAVARES, á meia voz.

Temos hoje contas que ajustar. Em pouco estarei em sua casa.

GEORGINA, idem.

Quer saber de uma cousa? Desejo que não pense em tal. Começo a enfastiar-me do senhor! Olhe: sou uma mulher extrava-

gante. Tenho mil phantasias. Vendo o relógio. Onze horas! Para o grupo dos Actores. E nada do Luiz.

TAVARES, como ácima, fitando-a.

E' uma monstruosidade moral esta mulher!

1.º ACTOR, para os outros.

Si o Luiz soube de tudo isso, não vem. Ouve-se cantarolar dentro.

GEORGINA

Ahi vem elle a cantarolar pela escada. Os homens se parecem uns com os outros, do mesmo modo que as mulheres umas com as outras. A questão é apenas de pouco mais ou menos.

SCENA IV

OS MESMOS, LUIZ

LUIZ, entrando.

Já e já que é tarde. Entram diversos actores para o ensaio.—Vendo as garrafas e os copos. O que é isto? Ao 2.º Actor. Jogue fóra estas garrafas. Quer que o senhor designa Tavares vá dizer lá fóra que, entrando uma vez na caixa de um theatro do Rio de Janeiro, suppôz entrar em uma taverna? Quer que elle diga que o comico, além do mais, começa a cultivar a crápula?

TAVARES

Eu seria incapaz d'isso.

LUIZ, ao actor severamente.

Afaste sem demora estes objectos. E fiquem todos sabendo que lhes prohibo absolutamente tê-los nos próprios camarins. Não viram *As Mulheres de Marmore* ? Pois bem ; isto aqui com expressão é a officina de Phidias, porque é a officina da arte : aqui não se bebe, trabalha-se.

3.º ACTOR

Apostava que faltaria hoje.

LUIZ

Por que motivo ?

3.º ACTOR

Por causa do que aconteceu em casa do Fonsêca.

LUIZ

O que foi ? Que succedeu ?

TAVARES

Tudo sei, que lá estive. A filha deixou o pai e acha-se com o barão de Sant'Anna.

LUIZ, choque violento.

Isto não se diz a mim, senhor! O que me conta é uma calúnia; eu o juraria.

TAVARES

Pode crer.

LUIZ, com força.

Nem mais uma palavra!

TODOS, á Luiz.

O quem?

LUIZ, hallucinado.

Dêem-me um punhal, uma arma qualquer para matar este homem designa Tavares. que recúa espantado. Quero vingar-me. Elle affronta-me.

TAVARES, aos outros.

Estão vendo? Quem me mandou metter-me em enrêdos de namorados?

3.º ACTOR, á Luiz.

Perdeu o juizo?

GEORGINA, á Tavares.

Bem feito, abelhudo!

LUIZ, transição—a Tavares?

Perdôe-me! Ha choques á que fôra mil vezes preferivel a morte. Bem vê que estou fôra de mim. Mas eu não acredito no que o senhor contou.

TAVARES, a Luiz.

Deus me livre de insistir n'isso, meu caro. Foi um méro gracejo quanto lhe disse.

3.º ACTOR

Pois essa é a historia que se conta pelos escriptores e hotéis.

LUIZ

Não. Não é possível.

GEORGINA

Que amor!

TAVARES, á Georgina á meia voz.

Como nunca tiveste, nem has de ter, peste!

GEORGINA

Ora bolas! Dá-lhe as costas.

LUIZ

Digam o que quizerem. Não se impõe a

convicção. Meu coração é um templo; sua religião unica o amor; seu idolo essa mulher. Oh! não é possível! Ainda hontem vi-a. Tinha a formosura dos anjos e era pura como elles. Quem diz isso, mente. E' um infame!

3.º ACTOR

Faço votos para que não se engane.

TAVARES

Quanto a mim, o dito por não dito.

LUIZ, tirando um cartão.

Este rosto não póde ser o de uma mulher infiel á religião de sua honra!

GEORGINA

Tudo se corrompe n'este mundo, a propria virtude si virtude existe. Homens e mulheres em uma balança, e na outra a devassidão, pésa mais esta que todos elles.

TAVARES, á meia voz.

Que mulher depravada!

GEORGINA, alto.

Sou ainda menos do que o senhor.

TAVARES, como ácima.

Mais do que tu ninguem, espirito immundo!

SCENÆ V

OS MESMOS, COUTINHO, ARTHUR

COUTINHO, a Arthur.

E' esta a decoraçãõ, doutor.

ARTHUR

E' fina e de optimo gosto.

COUTINHO

Emquanto se ensaia a peca, mando retocal-a.

ARTHUR

Peço-lhe sómente que faça subir meu drama á scena com todo o apparato que exijo.

COUTINHO

Confie. Não sou como certos empresarios que por uma mal entendida economia sacrificam muita vez peças importantes, por não as levarem com a *mise en scène* recommendada pelos autores.

ARTHUR

E o que diz do meu trabalho?

COUTINHO

Já lh'o não tenho dito? E' lindo.

LUIZ

Coutinho, o senhor o deve saber. Oh! diga-m'o. Isto é o maior dos supplicios.

COUTINHO

O que tem?

ARTHUR

Este homem está passando por uma crise gravissima.

COUTINHO

O que sofre, Luiz? Faz-me mêdo!

LUIZ

O Fonsêca tem uma filha.

COUTINHO

Tinha-a, já não a tem.

LUIZ

Que quer dizer? Este anjo. Indica o retrato.

COUTINHO

Já não pertence á hierarchia dos anjos.

ARTHUR, a Luiz.

Deixe-me ver este retrato. Vendo-o. Adelai-
de! Oh! detestavel e perfida creatura! Ama-
va-a, senhor?

LUIZ

Não m'o pergunte.

ARTHUR

Ah! o senhor é tão desgraçado como eu!

COUTINHO

Entregou-se ao barão Sant'Anna. Misera!

LUIZ, pegando com as duas mãos no cartão e olhando-o fixamente.

Ella! Choque profundo. Falta-me o ar e a luz.
Estou cego. Querem pegal-o. Soltem-me, soltem-me.
Começa a voltar-me a rasão. Torno a mim, tor-
no a ella indica o cartão. Aqui não ha uma mulher
—ha um borrão de sangue em braza, que me
queima as mãos. Meus labios ardem do con-

tacto da imagem d'ella. Ensinem-me remedio para restituir a mim puros, immaculados os meus osculos de amor, que imprimi mais de uma vez sobre esta fronte tão ignobil!

COUTINHO

Luiz, cumpre ser forte!

LUIZ, continuando.

Ah! sei o remedio. Sabem qual é? Rasgar este papel immundo rasga-o, lançar ao chão seus fragmentos lança-os, machucal-os assim com os pés machuca-os, e depois... cuspi-os! Mas minha bocca está secca da febre que me vem d'alma! Oh! Ha muito coração de prostituta a bater sob as filigranas de um vestido de donzella!

ARTHUR

Peguem-n'o, que vai endoudecer!

LUIZ

Oh! Adelaide! Amaldição teu nome. Deus não ha de ter para ti misericordia! Cahe entre os braços dos companheiros.

TAVARES, pegando Georgina pelo braço e apontando para o grupo que os não vê.

Olha para aquella triste obra de uma mu-

lher como tu! Si te atreveses a ser-me infiel
como ella foi para elle, matar-te-hia!

GEORGINA, desenhencilhando-se d'elle—rindo.

Ha! ha! ha! Néscio!

COUTINHO, severamente reprehensivo.

Mulher! Rir ao pé de um homem, que
desfallece, é um crime!

ARTHUR, pegando do pulso de Luiz.

E' mais infeliz do que eu!

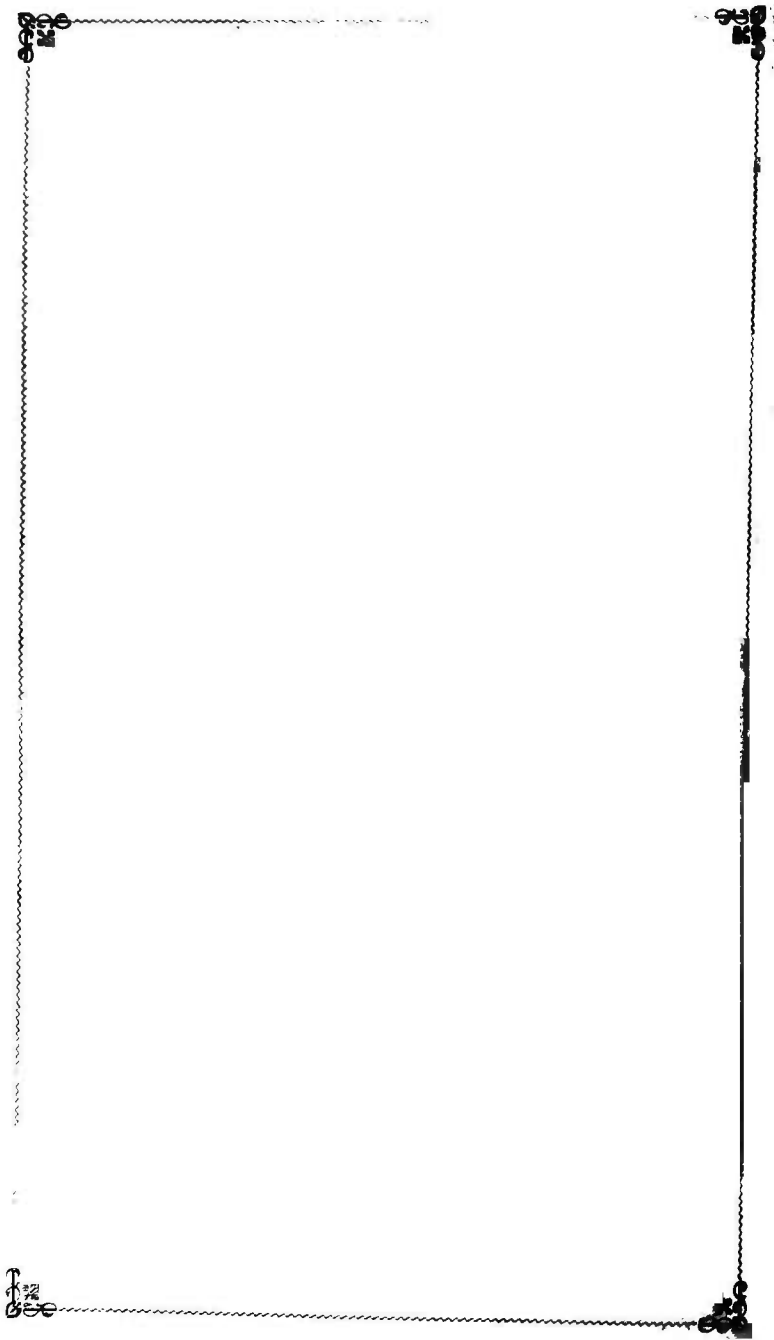
COUTINHO

Porque? Não ha remedio?

ARTHUR, solemne.

Porque está salvo! Cahe logo o panno.

FIM DO TERCEIRO QUADRO.



QUARTO QUADRO

Salão no maximo esplendor, em casa do barão de Serinhaem.
E' noite.

SCENA VI

OLYMPIA, VIRGINIA

Olympia conclue o final de uma ária, que cantava, ao piano.

VIRGINIA

Magnifica!

OLYMPIA

Este jogo de transições é de uma belleza classica. Haverá quem se não arrebate com a musica?

VIRGINIA

As phocas — diz Walter Scott — acompanham os barcos, em que se toca. Que talento tem o senhor Arthur para a musica! E' um portento.

OLYMPIA

Antes de conhecê-lo, não me parecia possivel haver um homem tão habil.

VIRGINIA

Como te relacionaste com elle ?

OLYMPIA

Como sabes, deixei o collegio ha dous annos. Elle escrevia então no *Mercantil*. Eu devorava suas composições, tal interesse me inspiravam ellas. Meu primeiro amor foi seu nome.

VIRGINIA

Só uma predestinação.

OLYMPIA

Conheci-o pessoalmente noite de S. João em casa do Fonsêca. Deu-se essa noite aquelle estranho acontecimento com a Adelaide, que elle amava então loucamente, e tanto bastou para cortar-lhe o fio dos affectos por ella. Vi-o depois no theatro. Fitou-me.

VIRGINIA

Por fim no terceiro ou quarto intervallo fallavam pelos olhares e sorrisos, não ?

OLYMPIA

Como é deliciosa a lembrança dos primei-

ros episodios de amor! Sim; mas depois amargos dissabores me sobrevieram.

VIRGINIA

Dize tudo.

OLYMPIA

De um certo dia em diante, deixou de olhar-me nos espectaculos!

VIRGINIA

E depois?

OLYMPIA

Uma noite encontrando-se commigo por casualidade ao sahirnos de um baile, disse, á meia voz, ao passar por mim, como si fallasse de si para si: "Sou pobre, muito pobre.," E perdeu-se na multidão.

VIRGINIA

Para não voltar mais?

OLYMPIA

Para voltar um mez depois, por isso que, havendo-o eu entendido, muito de proposito procurava-o com o meu binoculo no theatro. Amou-me louco, amámo-nos loucos, nobilitamo-nos na ultima afinação d'esse sentimento grandioso e pathetico.

BARÃO DE SANT'ANNA, dentro.

Dá licença, senhor barão ?

OLYMPIA

Aborreço esse homem. Fica. Eu me retiro.

VIRGINIA

Pois deixas-me só ? Olympia sahe.

SCENA VII

VIRGINIA, BARÃO DE SANT'ANNA

BARÃO

Ah! E' v. exc. ? Informa-me da saude do
conselheiro ?

VIRGINIA

Vai bem, senhor barão.

BARÃO

Quanto á v. exc. é sempre um suave con-
juncto de encantos — especie de rosa de todas
as estações — lyrio immarcescivel para quem a
natureza tem uma só e eterna primavéra.

VIRGINIA

O bom gosto principia a banir dos salões a lisonja.

BARÃO

Faço ardentes votos para que não succeda o mesmo com os anjos.

VIRGINIA

Infelizmente para um anjo mais de um demonio, de sorte que um anjo já não é um anjo, é uma victima.

BARÃO

O que é certo é que os demonios são os tentados, minha senhora.

VIRGINIA

Note, entretanto, que são os anjos que acabam afinal soffrendo o sacrificio.

BARÃO

Confesso minha derrota e imploro graça.

VIRGINIA

Talvez devesse pedil-a a outra que não eu.

SCENÆ VIII

OS MESMOS, BARÃO DE SERINHAEM

BARÃO DE SANT'ANNA, ao barão de Serinhaém que entra.

Salutem plurimum te valere. Cumprimen-
to-o em latim, que é lingua classica.

BARÃO DE SERINHAEM

Sinto não poder fazer-lhe o mesmo. Roma já não é Roma. Ha muito que não leiq Ovidio nem Juvenal. Desde que a patria cahiu sob o poder dos barbaros, que envergonho-me de dizer-me romano e de fallar o idioma dos conquistadores. A Virginia. Como passa a menina?

VIRGINIA

Bem, senhor barão.

BARÃO DE SANT'ANNA, ao barão de Serinhaem.

N'estes ultimos tempos tem a poucos concedido o privilegio de conversal-o.

BARÃO DE SERINHAEM

Incubo a idéa de um congresso nacional para tratar das reformas, composto de figuras de todos os partidos militantes do paiz.

BARAÕ DE SANT'ANNA

Acho-a suberba, não obstante virem muito ao caso os *details*.

BARAÕ DE SERINHAEM

Pois ainda está no periodo de gestação ; e espero dal-a amadurecida ao publico.

BARAÕ DE SANT'ANNA

E' certo que foi posta á disposição do barão uma das pastas do actual ministerio ?

BARAÕ DE SERINHAEM

Foi.

BARAÕ DE SANT'ANNA

Não quiz acceitar ?

BARAÕ DE SERINHAEM

Não. Optei por uma cadeira na assembléa geral.

BARAÕ DE SANT'ANNA

Entendo. Preferiu representar mais immediatamente os interesses da nação.

BARAÕ DE SERINHAEM

Não, que a chamada *representação nacional*,

n'este paiz, não é tal representação ; eu o sei, o senhor o sabe, o publico, todo o mundo, desde o ultimo até ao primeiro personagem do imperio. Pedi a cadeira para um meu amigo, um homem de talentos e virtudes, na phrase da Constituição. Pedi-a como um emprego para o qual o governo despacha por quatro annos, si antes d'isso não vem por ahi uma dissolução.

BARAÕ DE SANT'ANNA

E' da opinião que a escravidão deve ser abolida ?

BARAÕ DE SERINHAEM

Sem duvida, não de chofre, mas gradualmente, acautelados todos os interesses da propriedade conhecida, e apenas sacrificados ao bem da idéa os da propriedade fortuita.

BARAÕ DE SANT'ANNA

O que entende por propriedade conhecida e propriedade fortuita ?

BARAÕ DE SERINHAEM

Propriedade conhecida, na especie de que se trata, é o escravo que se possui, propriedade fortuita é o escravo que se possa vir a ter. Ora, libertar *ex abrupto* o escravo, que possuímos, é um mal immediato, porque elle nos está prestando proveito, com elle contamos, e muita vez

só n'elle consiste nossa unica fortuna ; libertar o escravo que possamos vir a ter, si quizerem considerar isso um damno, porque seria sempre um augmento de propriedade de que nos privam, é certo que é um damno tão remoto que não lhe sentimos a falta, porque nunca de tal augmento gozamos.

SCENÆ IX

OS MESMOS, CREADO

CREADO

O senhor doutor Arthur e o senhor Coutinho. Sahe.

BARÃO DE SANT'ANNA

Tem observado, barão? Ainda não vi um homem de pergaminho menosprezar-se tanto. Sempre com o Coutinho!

BARÃO DE SERINHAEM

Peço-lhe licença para observar-lhe que o Arthur conquistou minha estima. Quanto ao Coutinho, acho que é um homem de virtudes. Que importa que seja um actor? De actores nos falla a historia que receberam grandes favores de grandes soberanos. Modernamente na culta Europa não se faz o contrario. Creia que o mais não passa de méros preconceitos. As posições eu as classifico de conformidade com o

gráu de probidade, que caracteriza o individuo. Acabemos com estes anachronismos. Muitas vezes a mão, que rebóca uma parêde, é mais digna do que a que referenda um decreto. Lincoln no Brazil nunca seria Lincoln; Johnson ainda menos. Abaixo os prejuizos. A Arthur que entra. Como já não tem pai, permitta que o adopte por meu filho.

SCENA X

OS MESMOS, ARTHUR, COUTINHO.

ARTHUR

V. exc. me confunde com tamanha distincção. Não é só uma distincção, é uma grande ventura.

BARAÕ DE SERINHAEM, a Coutinho.

Os amigos de meu filho são tambem meus amigos, senhor Coutinho.

COUTINHO

Encontra a mais profunda gratidão de minha parte, senhor barão.

BARAÕ DE SERINHAEM, depois de pausa.

Como vai com sua empreza do theatro de S. Pedro?

COUTINHO

Ainda me não escasseou o favor publico.

ARTHUR

O repertorio e o pessoal da companhia tem geralmente agradado.

BARAÕ DE SERINHAEM, a Arthur.

Quando sobe á scena sua producção ?

ARTHUR

Já se acha submettida a ensaio.

BARAÕ DE SERINHAEM, ao barão de Sant'Anna.

Tem ido aos espectaculos, barão ?

BARAÕ DE SANT'ANNA

Vivo enojado d'esse ruido ha um certo tempo a esta parte.

ARTHUR ao barão de Serinhaem.

V. exc. informa-me da saude da exma. baroneza?

BARAÕ DE SERINHAEM

Vamos informar-nos pessoalmente. A Coutinho

e ao barão de Sant'Anna. E' um instante emquanto volto.

Arthur e o barão de Serinhaem sahem.

SCENÆ XI

COUTINHO, BARÃO DE SANT'ANNA

O barão vai tocar ao piano.—Coutinho senta-se a um lado.

COUTINHO, alguns momentos depois.

A existencia humana, senhor barão, offerece variações e mixtificações imperscrutaveis. E' quando sua miseria tem esgotado os gráus de sua escala, e o homem mede então com um olhar toda a extensão da possibilidade de sua baixaza.

BARÃO

Vai dar-me uma prelecção de moralidade?
Onde pretende ir, meu caro?

COUTINHO

Lembra-se d'aquella moça em casa de cujo pai passamos, ha um anno, a noite de S. João na Tijuca?

BARÃO

Foi para dizer-me estas amabilidades que interrompeu-me?

COUTINHO

Via-a hoje á tarde. Tinha a mão na face macilenta e pallida. Os olhos estavam voltados para a immensidade; d'elles escapavam lagrimas como contas de collar espedaçado. Por aquelle olhar, bem que infeliz, languido e bello ainda, pela expressão melancolica do rosto, pelo negror dos cabellos soltos com desespero e desamparo, foi que pude reconhecer a filha do martyr. Difficilmente reconheci-a!

BARAÕ

Sua optica está estragada, ao que parece.

COUTINHO

Porque não casa-se com a desgraçadinha moça?

BARAÕ

Ora, senhor! Admiro sinceramente sua protervia! Haveria muita moralidade em casar-me com uma meretriz?

COUTINHO

Falla de moralidade?

BARAÕ

Fallo de meretriz. As entrevistas clandest-

tinhas d'essa mulher com seu amigo ? Póde ser-lhe isso desconhecido ?

COUTINHO

E' falso. Impossivel ! O senhor Arthur não commette uma pusillaniedade.

BARAÕ

Quer dizer que minto ! Si o senhor me merecesse as honras de um parallélo, puniria com efficacia sua ousadía.

COUTINHO

Veja o que diz ! Talvez que na hypothese do parallélo mais rasão tivesse eu para recusar-o com v. exc.

BARAÕ, levantando-se.

Atreve-se !

COUTINHO, idem.

Aos homens, como o senhor, costume chamar covardes ! Digo-o aqui em segredo, entre nós ; não se exacerbe ; á excepção do senhor, ninguém mais testemunhou minha franqueza.

BARAÕ, encara-o.

Dir-se-hia que o senhor não vê o fogo, tão proximo aliás do senhor ! Quer queimar-se ?

COUTINHO

Quero ver si o apago. Acha que o devo temer por ser barão? Não, porque por detraz do barão esconde-se a alimaria vil, que se pôde esmagar com o pé!

O barão ergue a mão para dar-lhe no rosto. — Coutinho encara-o firme e placido.

BARÃO

O senhor é um comico, e no rosto do comico sempre ha tintas, que vão mal á mão que não tráz luva. Dá-lhe as costas.

COUTINHO, dando-lhe uma volta com força.

Perdôe-me! Tem o dever de ouvir-me.

BARÃO

Insolente!

COUTINHO

As tintas do rosto lavam-se. Sabe o senhor o que se não lava? São as tintas da alma; são as nodoas indeleveis do vicio e do crime; são as pústulas malignas d'essa enfermidade moral, que o introductor de moeda falsa conduz em seu espirito sordido.

BARÃO

Desgraçado!

COUTINHO

Sabe o senhor o que se não lava? E' o re-

morso. Ah! Porém o remorso é o protesto de uns restos de pudor indignado; e o senhor vendeu seu pudor inteiro ao primeiro contrabandista com quem transgiu. O senhor é um miseravel!

BARAÕ, raiva concentrada.

Fatalidade! Esqueci meu revolver!

COUTINHO.

Sabe o que se não lava? E' ..

Ao ouvirem a voz do conselheiro dentro, separam-se e tomam direcções oppostas.

SCENA XII

OS MESMOS, BARÃO DE SERINHAEM, CONSELHEIRO, ARTHUR, OLYMPIA, VIRGINIA

CONSELHEIRO, batendo no hombro de Arthur.

Escreva, menino. Cultive esta imaginação fecunda. O Brazil precisa de uma litteratura, filha da terra; a que ahi vemos é planta exotica. O logar de honra para a mocidade!

BARAÕ DE SERINHAEM

Mocidade na religião, mocidade nas letras, mocidade na politica. O paiz já não tem que esperar dos velhos, gastos como estão. Grandes idéas, grandes revoluções, tudo isso vem de

craneos juvenis. Ao barão de Sant'Anna. Peço-lhe seu voto para um candidato á deputação geral, pelo municipio neutro.

BARAÕ DE SANT'ANNA

O barão dispõe de todos os meus votos.

BARAÕ DE SERINHAEM

Basta-me um, que muito me penhorará. E' para o senhor doutor Arthur da Silveira, candidato do ministro da Fazenda, o exm. senhor conselheiro, que nos ouve.

CONSELHEIRO

Perdõe-me. Candidato da nação.

BARAÕ DE SANT'ANNA

E' como disse.

BARAÕ DE SERINHAEM, dando o braço ao conselheiro—passeando—á meia voz.

Sabe que o Arthur só aceitou a mão da Olympia com a condição de no dia de seu casamento manumittir todos os escravos, que ella lhe levar no dote ?

CONSELHEIRO

Muito bem! E o barão accitou a condição?

BARAÕ DE SERINHAEM

Que havia de eu fazer?

CONSELHEIRO

Applaudo esta nobreza de ambos.

BARAÕ DE SERINHAEM

Setenta e tres escravos!

CONSELHEIRO

Não se pêze. Precisamos de homens como o Arthur na sociedade brazileira. Venha esse sangue novo para injectar-se nas veias dilatadas da patria. Cada vez mais o estimo!

BARAÕ DE SERINHAEM

E mais digno o acho eu de minha filha.

COU TINHO, a Arthur.

Felicito-o, meu amigo.

ARTHUR

Devo esta gloria ao barão de Serinhaem.

OLYMPIA

Diga antes—ao seu talento.

COUTINHO

E ao seu character.

ARTHUR, á Olympia, com expressão.

Devo tudo isto ao seu amor, meu anjo.

Coutinho vai dar a mão ao conselheiro e ao barão de Serinhaem.

BARÃO DE SERINHAEM

Já ?

ARTHUR

Tão cêdo quer deixar-nos ?

COUTINHO, ao barão de Serinhaem.

E' um dever que tenho a cumprir. A Arthur.
Vou ver si arrebatô ás garras do demonio encara
o barão de Sant' Anna um anjo sacrificado, para restituir-o aos braços de Deus.

ARTHUR

A mão do Senhor descreva sua orbita, astro radioso do bem.

Continho sahe.—Serve-se o chá.

FIM DO QUARTO QUADRO.

QUINTO QUINTO

Sala mediocre. Ao fundo a porta de uma alcóva que, estando aberta, deixa ver um leito. Portas lateras. E' noite. Um Oratorio na scena ao fundo.

SCENA XIII

GEORGINA, ADELAIDE

GEORGINA

Como vai com seu adonis?

ADELAIDE

Sempre mal. Cada vez peor! Trouxe?

GEORGINA

Aqui tem. Dá-lhe um frasquinho.

ADELAIDE

Meu Deus! Aqui está minha salvação, minha redempção, D. Georgina!

GEORGINA

Santa Maria da Gloria! Nunca me havia de eu matar pela ingratidão de um homem.

ADELAIDE

Si não tenho esperança mais! Sabe a senhora o que é sacrificar-se um amor, de que se vive, de que se goza, um amor immenso, sacrificial-ao culto de um dever, e depois tudo acabado para nunca mais tornar a existir? Sorrio para a morte que me estende os braços como uma amiga verdadeira, cuja dedicação conduz-me á felicidade.

GEORGINA

Deixe o barão, e não faltará quem a queira. A senhora não é feia, e os negociantes da rua do Ouvidor bebem os ares pelas mulheres assim.

ADELAIDE

Aconselha-me que prosiga na minha degradação de queda em queda, até ir ter ao catre de um hospital! Não acceito. Quero rehabilitar-me pelo sacrificio, como as victimas cruentas da antiguidade.

GEORGINA

Faça o que lhe parecer. O que lhe peço é que não me descubra.

ADELAIDE

Juro-lh'o pelo meu repouso eterno.

GEORGINA

E pensa que o barão se commiserará da senhora? Quanto se engana!

ADELAIDE

O barão! Não me falle n'esse perfido, minha senhora. Que me importa que o assassino atire, como blasphemia, um riso cynico sobre minhas pobres lagrimas? Que me vale seu nome? Algum dia interessou-me elle? Foi o instrumento cego de meu destino, e ninguem vai condemnar o instrumento de um crime sinão o braço que com elle applicou o golpe.

GEORGINA

Ha poucos dias me declarou elle que, em descartando-se da senhora, metter-me-hia em casa.

ADELAIDE

Tanto melhor! Folgo de que nas azas do meu supplicio võe para a senhora a felicidade.

GEORGINA

Como?! Pois não tem ciumes?!

ADELAIDE

E amei-o eu alguma vez, um momento, um

instante só, durante meu pallido existir? Seios de mulher, que ama, podem ter mais de um amor, mas ha de nascer um depois de ter morrido o que o precedêra; é como aquella ave fabulosa que surgia das cinzas de uma existencia finda. É meu primeiro amor tenho-o ainda palpitante como arteria, a bater-me no coração com incommoda pertinacia.

GEORGINA

Seu primeiro amor! Lembra-se ainda do senhor Luiz?

ADELAIDE

Não me falle tambem n'elle. Amo-o, porém seu nome me aterra como sombra sinistra de um remorso. Amo-o, mas que elle ignore que eu existo. Amo-o, mas quero que elle pense que o esqueci para que me odeie. Meu amor era um insulto á opinião publica, uma offensa ao insensato pundonor social. Era preciso matal-o.

GEORGINA

E suppõe que o senhor Luiz possa esquecê-la?

ADELAIDE

Oh! nada me revele, peço-lh'o. Digam a esse homem que morri, ou que então sou uma mulher vil, como a propria depravação. Digam-lhe que morri de. . . ignominia! Chora.

GEORGINA

Está então disposta a levar a todo o transe a effeito o projecto ?

ADELAIDE

Aguardo apenas sua sahida.

GEORGINA, levantando se.

Não seja esta a duvida. Adeus. . . até.

ADELAIDE

Até. . . para sempre ! Georgina sahe—Adelaide vai á alcova e traz um copo com agua. . .

AZEVEDO, dentro.

Dá licença ! Adelaide occulta o frasco.

SCENA XIV

ADELAIDE, AZEVEDO

AZEVEDO, entrando.

O barão, minha senhora ?

ADELAIDE

Ha dias não sei d'esse homem.

AZEVEDO

Tenho negocio urgente para tratar com elle.

ADELAIDE

E meu pai? Tem-n'o visto?

AZEVEDO

Disse-me ha pouco, entre lagrimas e soluços, que ia deixar o Rio.

ADELAIDE

Então elle soffre muito?

AZEVEDO

Com demasia, digo-lh'o eu. Domingo, á noite, tomei minha flauta e sahi a tocar. A porta da chacara do senhor Fonseca estava aberta. A sala na escuridão. O pomar deserto. Sómente no jardim, debaixo do cypreste, uma sombra se agitava, muda e taciturna, sob a ramagem. Era elle. Pobre velho!

ADELAIDE

E' horrivel o agonisar silencioso do espirito! E será possível que esse homem não ache uma consolação?

AZEVEDO

Nos vastos páramos do oceano tudo é salgado, minha senhora. A gôtta de orvalho, que cahe do céu sobre sua superficie, facil se confunde na amargura das ondas. Não ha orvalho para o oceano; não ha conforto no coração do pai que se acha nas conjuncturas do senhor Fonseca.

ADELAIDE, em pranto.

Oh! cale-se! Olhe bem para mim. Veja que não posso resistir a esta dor!

AZEVEDO

Eu tambem soffro. Oh! mas v. exc. nunca o saberá. E' meu segredo.

ADELAIDE

Que quer? Este mundo tem esta organisação. Sua suprema lei é a fatalidade. Acredito na fatalidade, senhor! Pois como se explica a rapida inversão das cousas? O destino é tudo. Hoje a vida, amanha a morte. A serpente mordendo debaixo das flores. O veneno dentro de um vaso de crystal. Em uma bainha de ouro uma lâmina que mata. Entre as fragrancias de um riso uma lagrima que dóe. A vida é isto, não?

AZEVEDO

Ha em suas palavras um cheiro de inspiração que me commove. Adeus. Não posso continuar.

ADELAIDE

Si ainda vir meu pai, diga-lhe, por mim, um derradeiro adeus!

AZEVEDO

De certo. O destino é tudo. V. exc. tem razão. Sahe. — Adelaide dirige-se á alcôva e ajoelha-se, com as mãos postas, ao pé de um quadro da Virgem — Momentos de profundo silencio. — O barão de Sant'Anna entra.

SCENA XV

ADELAIDE, BARÃO DE SANT'ANNA

Um relógio dá onze horas. Adelaide levanta-se e aproxima-se da mesa.

BARÃO

Temos que fallar, minha senhora.

ADELAIDE, sobresaltada.

Estava aqui ?

BARÃO

Peço-lhe que sente-se. Adelaide senta-se. — Pausa

Tenho reflectido que não pode continuar esta convivencia indecente.

ADELAIDE

Bem sabe quanto tem-me custado acompanhal-o n'isso. Semelhante sacrificio tanto mais afflige-me quanto, si subi a elle, não o fiz por uma paixão nobre, sinão pela ambição vaidosa, que equivale a uma torpeza.

BARAÕ

Quer dizer.

ADELAIDE

Que, a não ter de dar-me a mão para levantar-me, abandone-me desde já para sempre.

BARAÕ

N'este caso nada mais a prendia á minha pessoa do que a especulação de ter-me por seu marido ?

ADELAIDE

E essa mesma não foi minha, saiba-o n'este momento solemne. Nunca o amei, nem o amo. Abomino-o.

BARAÕ

Mas a senhora deu-me uma prova que autorisa-me a acreditar o contrario.

ADELAIDE

Cedi de caso pensado á offensa para que o senhor me dêsse o direito á reparação d'ella ; e essa reparação sabe em que devêra consistir, quando a offensa houvesse sido perpetrada por um homem de brio. Enganei-me. O senhor não o tinha, não o tem.

BARAÕ

Que agiotagem !

ADELAIDE

Escute. Meu pai estava louco de cubiça. Metteu a mão em meu coração e percebeu que elle pulsava por um homem que não era um barão, sem todavia comprehender que elle valia mais que o barão de Santa Anna.

BARAÕ

Adelaide !

ADELAIDE

Confessei-lhe que minha alma se voltava para esse homem por uma attracção inexplicavel. Respondeu-me que o coração de uma mulher

assemelhava-se a essas plantas aquáticas, cujas ramas dobram-se ao impulso das enchentes e das vasantes, tomando á noite a direcção opposta á que seguiram pela manhan; que eu suffocasse essa puerilidade chamada — amor — e fitasse, como astro de direcção, esta grande verdade social, á que dão o nome de — conveniencia. Precisa de mais alguns esclarecimentos para conhecer a historia de minha perdição ?

BARAÕ

Sei tudo. Queriam fazer de mim um bonéco elegante para adornarem a porta de sua casa! Queriam o barão por marido pela sua posição! Deus escreve certo por linhas tortas. Mallogrou-se a trama. Levanta-se Pois bem : não faltam janotas pela cidade. Deixe-me minha casa e meus moveis, tem ouvido ?

ADELAIDA em pranto

Não é então uma visão oppressora? De véras abandona-me antes de curar-me da infamia?

BARAÕ

O que fez d'aquellas joias ?

ADELAIDE

Tira-m'as, quando ha dias assignou seis contos de reis para ovações a uma cantora? Mas o

senhor assignou essa quantia, não por devida homenagem ao merecimento, mas por mèra ostentação. Seu nome correu impresso nos jornaes. Diz-se que o senhor é generoso. Está habilitado a allegar serviços e a disputar altos favores. E com tudo o senhor é um miseravel!

BARAÕ

Restitua-me as minhas joias. Adelaide vá a alcôva e tral-as em um pequeno cofre. Falta-me um anel com um brilhante de cento e cincoenta francos no centro.

ADELAIDE

O senhor engana-se.

BARAÕ

Quero-o. Procure-o.

ADELAIDE

Ha de estar ahi mesmo entre as outras.

BARAÕ pegando-lhe do braço e fazendo-a dar uma volta brusca.

Aonde? Aonde?! A senhora esconde meu ouro!

ADELAIDE

Meu Deus! Como posso sobreviver à tamanha humiliação?! Chora e tosse.

BARÃO com altivez.

Quero a joia que falta.

ADELAIDE

Desgraçado ! Não lembras-te que vendi-a para matar a fome ?!

BARÃO

Ah ! Bem m'o dizia o coração.

ADELAIDE com força e agonia.

Sahe, miseravel ! Deixa-me ! Eu te detesto ! Meu Deus ! Quero morrer. Lembra-me um meio, Senhor Deus !

BARÃO

Ha um : aquella varanda. — Adelaide corre para atirar-se, encontra-se com Tavares, e cahe, com o choque, sobre um sophá.

SCENA XVI

OS MESMOS, TAVARES.

TAVARES olhando Adelaide.

Ainda mais esta ! Ao barão Procuvo v. exc. desde a tarde.

BARAÕ sobresaltado.

O que ha ?

TAVARES

Falla-se na quebra do Souza.

BARAÕ

E' impossivel!

TAVARES

Creia que é um clamor violento na praça.

BARAÕ agitado.

Lá se vai toda minha fortuna.

TAVARES

Um sem numero de casas fortes sente-se
ameaçado de fallencia inevitavel!

BARAÕ

Então é certo que tenho de ficar pobre ? !

TAVARES

Não da graça de Deus, senhor, o que não
é pouco.

BARAÕ fóra de si.

Oh! sim! Mas a graça de Deus não é dinheiro! Que transe! Esta vida commercial é um sonho. Vamos. Quero fallar ao Souza muita vivacidade. O meu chapéu?

TAVARES fita-o e recúa espantado.

Que olhar!

BARAÕ passando por Adelaide—hallucinado.

Mulher! Mulher! Erguendo-a arrebatadamente pelas mãos Levanta-te. Com expressão. Vês este vacuo? indica o espaço que medeia entre elle e Adelaide. E' o que ha em minha fortuna! Gritando Roubaram-me tudo! Estou pobre! Sê magnanima! Perdôa-me. Para Tavares com arrebatamento Que me queres, satanaz?!

ADELAIDE solemne

Meu Deus!

TAVARES com medo

Em que bôa me vim metter eu! Santa Maria!

BARAÕ correndo para Tavares e enfiando com arrebatamento seu braço no de Tavares.

Vamos! Nem mais um instante! Arrasta-o pelo braço.

TAVARES

Tem força como um urco! desaparecem.

ADELAIDE só--indecisa

Que quererá dizer isso? Nada sei. Mal ouvi suas ultimas palavras. Mas seus olhos tinham acerbo e medonho brilho! Porque me pede perdão? Que sopro de tormenta vergou aquella altivez implacavel? Oh! si eu soubesse que elle estava arrependido.

Fica um instante perplexa.

SCENA XVII

ADELAIDE, GEORGINA.

ADELAIDE

Georgina!

GEORGINA sorrindo

Vim ver si a senhora já tinha consummado o sacrificio.

ADELAIDE

Bem vê. Não estou em mim. Não encontrou o barão?

GEORGINA

Ia gritando pelo meio da rua, como possesso: "Estou desgraçado!"

ADELAIDE

Eu é que o sou. Oh! baixar á campa com uma corôa de espinhos na frente, quando a dêvera levar cingida de uma capella de rosas brancas!

GEORGINA

Vejo que mudou de resolução. Antigamente os amantes infelizes consolavam-se pelo suicidio. Hoje estamos em epocha de progresso, que condemna o suicidio de Sapho e de Werther. A civilisação e a medicina moderna aconselham novos amores. Suave especifico!

ADELAIDE mostrando-lhe o copo

Vê? Ia derramar dentro a substancia quando a senhora entrou.

GEORGINA

Dê cá o frasquinho Coutinho e Luiz apparecem
Deixe-me preparar a dóse. Adelaide da-lh'o. Quero

ajudal-a a deixar este pesado lenho da vida. É um beneficio. Derrama a substancia dentro do copo. Está prompto. Coutinho e Luiz se aproximam—Adelaide e Georgina estão com as costas voltadas para a scena.

ADELAIDE fóra de si.

Dê-m'o. Georgina dá-lhe o copo. Adeus, Georgina. Meu Deus! Meu pai! Luiz! Vai a bebêr.— Luiz corre para ella em quanto Coutinho toma-lhe o copo.

SCENA XVIII

AS MESMAS, COUTINHO, LUIZ

LUIZ

Adelaide!

ADELAIDE E GEORGINA

Ah!

COUTINHO á Georgina—gesto eloquente.

A senhora é de um cynismo atroz! Retire-se.

GEORGINA

Senhor! Veja que sou uma mulher!

COUTINHO

Mais do que isto, é o demonio do crime!

GEORGINA

O senhor insulta-me.

COUTINHO, com força.

Já e já fóra! sinão chamo em meu soccorro a justiça publica!

GEORGINA retirando-se

Pensa que não? Pois engana-se. O barão ha de ser meu. Sahe.

ADELAIDE

Luiz, não quiz que eu me suicidasse! Mas veio matar-me com sua presença!

COUTINHO que tem voltado de acompanhar Georgina

O crysol destinado a depurar uma alma não é um copo de veneno, minha senhora. E' o amor. Designa Luiz.

ADELAIDE

Suffoquei no meu coração este sentimento desde que tal palavra começou a amargar-me nos labios.

LUIZ

O que diz, Adelaide?

ADELAIDE

Que estou morta, que sou um espectro!
Despreze-me. Mereço-lhe mais do que isso,
mereço-lhe odio implacavel!

COUTINHO

Deixe esta casa já. Estas paredes parecem-me carneiros de cemiterio, esta sala o vacuo de um tumulo.

ADELAIDE

Ia deixal-a para sempre.

LUIZ

Esquecel-a, odial-a, eu, Adelaide!

COUTINHO

Prepare-se para sahirmos sem demora, antes que chegue o barão.

ADELAIDE

O barão acaba de enxotar-me.

COUTINHO

Como! Si o deixei em casa do barão de Serinhaem?!

LUIZ

Enxotal-a! Não posso crel-o.

COUTINHO

E a senhora não levanta as mãos para o céu?

LUIZ

Deve fazel-o, porque tem aqui meu coração.

ADELAIDE

Seu coração!

LUIZ

E minha mão.

ADELAIDE

Impossivel!

COUTINHO, E LUIZ

Impossivel?!

LUIZ

Porque? Despreza-me? Repelle-me!

ADELAIDE

Não. Amo-o.

COUTINHO

Como se explica isso?

LUIZ

Adelaide, não a entendo.

Adelaide senta-se no sophá a chorar.

COUTINHO

Mas isto é um mysterio então. . . !

LUIZ aproximando-se

Adelaide?! Pausa. Adelaide?! Levanta-lhe a
cabeça. O que soffre?

ADELAIDE em pranto.

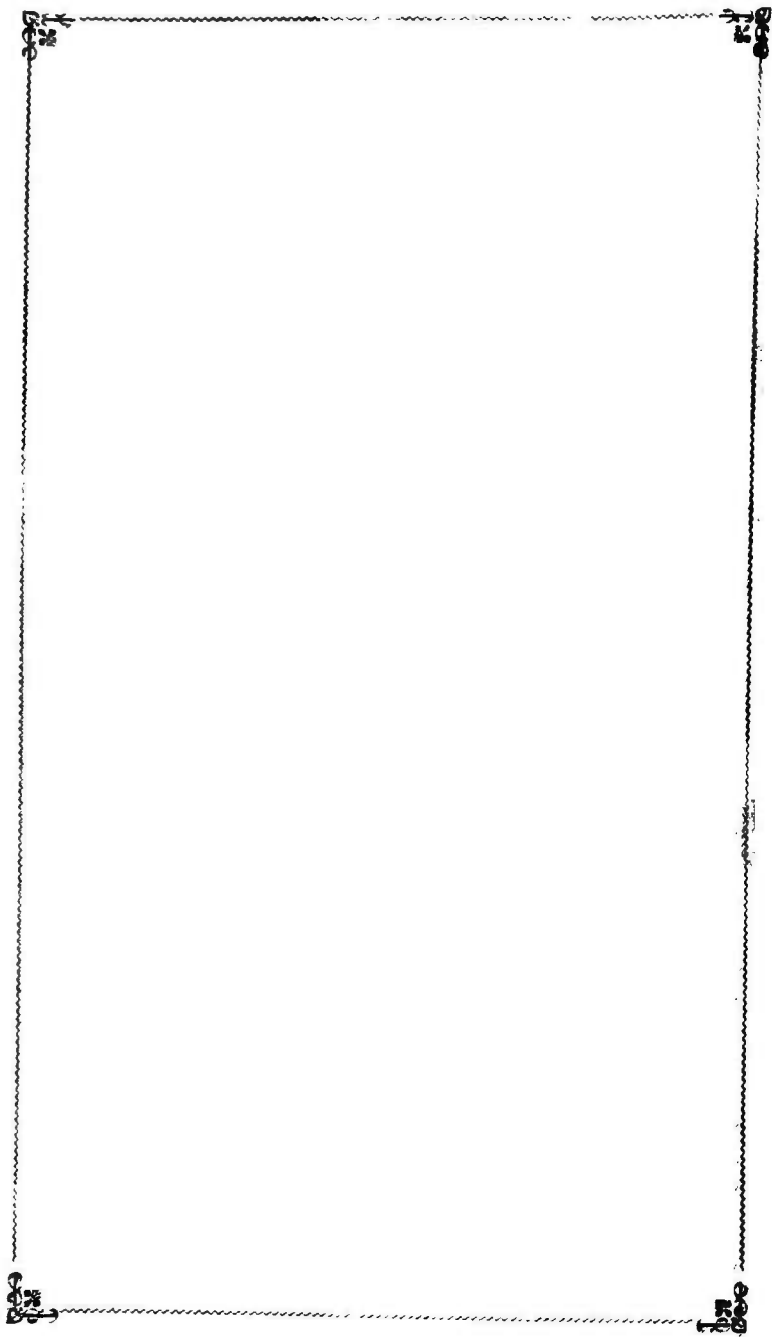
Deixe-me chorar. Quero vasar esta lagri-
ma pungente que me traz fel do coração. E'
a lagrima do desgano!

Luiz cahe de joelhos a chorar tambem, com a cabeça inclina-
da sobre os joelhos de Adelaide.—Coutinho cruza os braços e fita o
grupo com sublime expressão de dor.

FIM DO QUINTO QUADRO.



ACTO TERCEIRO



SEXTO QUADRO

A scena está dividida. A' esquerda do espectador é a sala de uma casinha pobre. No segundo bastidor uma porta que dá para um quarto. Raros moveis. Do outro lado do tabique, á direita, são os fundos de um jardim. Vasos, re-puxos, caramancheis, gradil em direcção do segundo bastidor. Alem é uma estrada que corre de lado a lado do scenario. Fóra vêem-se arvoredos e um lampeão de gaz, em uma esquina. E' quasi noite, mas vê-se no fundo o crepusculo a desvanecer-se pouco a pouco, até escurecer de todo.

SCENÆ I

COUTINHO, ADELAIDE

Ao levantar o panno, Adelaide passa pela mão de Coutinho pela estrada, além do jardim e vem parar diante da casinha, que está fechada e cuja porta Coutinho abre.

COUTINHO

Entre, minha senhora. Foi este o asylo que a pressa permittiu-me conseguir.

ADELAIDE, entrando.

Não o quizéra melhor. Examinando-o com a vista. E' digno de mais para receber-me.

COUTINHO, indicando.

Aquella porta communica para um quarto, donde por outra vai-se ter á cosinha.

ADELAIDE

Estou satisfeita.

COUTINHO

Sente-se para esta cadeira. O estirão foi longo e a senhora deve estar fatigada. Si assim o quiz!.

ADELAIDE, sentando-se.

Estou-o com effeito. Tira o chapéo e o véu que traz.

COUTINHO

Querendo descansar, alli, dentro da alcôva, achará um leito.

ADELAIDE, pausa.

Ai! Estou realmente fatigada. Tosse, cospe no lenço. Olhe. E' sangue, sangue vivo que acabo de deitar do peito.

COUTINHO

Não ha de ser do peito, não.

ADELAIDE

Si é! Vem d'aqui mão no peito. Toda esta região é braza viva. Pouco poderei durar. Esse

mesmo pouco, acredite, ha de ser para mim um supplicio.

COUTINHO

Deixe-se de apprehensões vãs. E' moça e bella. Póde ser ainda muito feliz.

ADELAIDE

Para que me falla em felicidade, senhor? O soffrimento moral não é uma iguaria indigesta, que se possa lançar á custa de um esforço ou mediante um medicamento feliz. E' uma pujante parasita que estende suas raizes até ao fundo da alma, doñde ninguem as poderá desentranhar sem rasgar o coração. Pausa. Ser-lhe-ha penoso mandar trazer uma imagem para aqui?

COUTINHO

Já, si o quer.

ADELAIDE

Não se enfade com estas importunações.

COUTINHO

E mandarei um medico tambem.

ADELAIDE

Antes um padre de boa vida.

COUTINHO

Si precisar de alguém, encontrará á sua direita uma visinha com quem fallei para prestar-lhe serviços. É uma viúva pobre e honesta.

ADELAIDE

Tamanha bondade se lhe pagará no céu.

COUTINHO

Agora ha de dar licença.

ADELAIDE

Apresente-me antes á essa mulher.

COUTINHO

Não se incommode. Irei chamal-a.

ADELAIDE

Quero ir também. Vamos. Entram pela porta da esquerda, antes do que apparecem Arthur e Olympia, á direita no jardim.

SCENA II
ARTHUR, OLYMPIA

ARTHUR fumando

Antes da posição social a felicidade do coração. O crepusculo afasta-se de cima do ca-
beço das penedias. Que belleza suave na tar-
de! Veja como vão aquellas nuvens brancas,
abertas em flor. Parecem debuxar uma corôa
de noivado, talvez o noivado dos seraphins com
os sylphos.

OLYMPIA

Suas palavras arrebatam-me. Que doces que
são as effusões intimas do primeiro amor! São
as auroras da primavera deliciosissima da vida,
não ?

ARTHUR

Sim. Sentam-se. Valem uma mansão de go-
zos perennes, de amplexos, de sonhos, de deva-
neios.

OLYMPIA

Oh! como é bom o amor! Arthur, Arthur!
Eu te amo louca !

ARTHUR

E eu?! Sou feliz, Olympia! Bebo torren-
tes de um fluido delicioso n'esta atmospheria de

ambientes suavísimos, que banha-a e a envolve desde as pontas dos cabellos até ás fimbrias do vestido branco!

OLYMPIA

Si não nos houvessemos de ligar como cipós flexíveis, nascidos no mesmo solo, cujos galhos se apertam e ageitam os de um pelos do outro, creia-o, a vida ser-me-hia uma vaga e escura scisma.

ARTHUR

E porque lhe mereço tanto? Sou pobre e pertenço a uma familia sem nome.

OLYMPIA

E' um insulto que se faz. Tem a riqueza da sympathia e o nome do talento. Meu Deus! O que é o amor?

ARTHUR

O amor. . . é o bálsamo fragrante do Libano. E' o homem contemplando a mulher, é a mulher contemplando o homem: é a sympathia sublime de duas juventudes entusiastas. *Cahe-lhe o charuto da mão* O amor. . . está n'este beijo que lhe deponho na mão beija-a, está em sua mão que o acolhe com suave generosidade. Vê como o crepusculo beija as nuvens do occaso, e os escassos reflexos do poente aquelle remoto pico? E' o amor— o amor impalpavel e pathetico da criação.

OLYMPIA

Continùe. Gosto de ouvil-o.

ARTHUR

Olympia, és uma santa.

OLYMPIA

Alli vem meu pai.

ARTHUR

Passeiemos. Passeiam

SCEN& III

OS MESMOS, BARAO de SERINHAEM

BARAÕ

O café espera-os no kiosque.

ARTHUR

Estavamos contemplando aquelle magnifico panorama—a tarde que recebeu do sol seu osculo de ouro de despedida para enrolar-se nos lençóes da noite e adormecer no silencio.

OLYMPIA

A hora do pôr do sol tem uma belleza suprema.

BARAÕ

Já não me interessam essas imagens attractivas, essas bellezas virgens e transparentes da luz que se affrouxa para morrer. As brumas da velhice crestaram-me as boninas da imaginação. A mocidade, sim; está em sua natureza arroubar-se com a magnificencia d'esses espectaculos esplendidos, e eu já sinto a cabeça envolta em uma touca de cabellos grizalhos.

ARTHUR

Os prodigios da munificencia divina fallam com interesse á toda a criação. A criação em si é um arroubado de si mesma; vive enamorada da belleza propria, a exemplo d'essas mulheres encantadoras, cuja organização exterior transpira luz e graças — especie do reverbero doce da satisfação e admiração intimas.

BARAÕ

Diz uma verdade. Admirar a criação é levantar uma apologia ao Creador. O universo, extasiando-se com as maravilhas de sua estrutura, ergue hosannas a Deus, ou melhor a si proprio. Um homem do povo accende o lampeão de gaz.

SCENA IV
OS MESMOS, CONSELHEIRO.

CONSELHEIRO entrando

Sim, sim; mas tambem em parte nenhuma do mundo encontrarão uma natureza petulante e-suberba como esta. Fui á Veneza, essa nympha do Adriatico, á Roma,— a senhora do Mediterraneo outr'ora, hoje das execuções pontificias,— á Bysancio, a sultana do Bosphoro, a S. Petersburgo, a Madrid, a Paris, á Caledonia. Respirei esse ar purissimo da Suissa dos lagos e dos valles. Oh! mas em nenhum d'esses centros achei este luxo de seiva, esta opulencia de perfumes, este apparatus de rios, de selvas, de paisagens esplendidas. Nossa patria è um édem; Rocha Pita tem rasão.

BARAÕ

Para não sê-lo inteiramente falta-lhe uma politica patriotica, sincera e moralisada, porque a fallar a verdade, isto que ahi vemos é o simulacro correcto do erro, sob formas pomposas; e cada dia mais se aperfeiçoando.

CONSELHEIRO

De certo. O estrangeiro que se demora um pouco e estuda com certo senso as cousas de

nossa terra, não póde deixar de pasmar ao ver aqui a escravidão, alli a praga do functionalismo, de um lado a ignorancia systematica do povo, do outro o mais abjecto servilismo ao poder que abusa; em uns o indifferentismo pela cura publica, em outros a ambição infrene — a opinião nacional falseada, a liberdade do voto mentida, a independencia dos juizes coacta, a divisão e a independencia dos poderes fictas; e tudo isto no meio de uma natureza grandiosa como esta. Fatal contraste! E' o vicio mascarado pelo bello; é uma virgem pulchra, escondendo sob as roupagens perfumadas e sob os brilhantes, um cancro pôdre e voraz, que lhe corróe os seios, aonde deviam palpitar a virtude e o amor.

ARTHUR

Só as reformas nos podem salvar.

BARAÕ

Quaesquer que sejam não poderão regenerar, -sinão muito tarde, os costumes de longa data contrahidos.

CONSELHEIRO

Quanto antes a abolição da escravidão (abolição immediata) ulcera — mãe de todos os nossos males.

BARAÕ

Opino pela abolição gradual. São conhecidas minhas convicções politicas; sou liberal. Mas temo a abolição immediata. Não se extrahe um cancro de um só golpe de bisturi. A abolição immediata lançar-nos-hia nos horrores da guerra civil.

CONSELHEIRO

Sempre fui liberal tambem, e moderado; e voto pela emancipação incontinenti da familia escrava. Desde que se conhece que ha na escravidão um attentado contra todos os direitos divinos e humanos, soffra quem soffrer, abaixo o attentado, abaixo o opprobrio! Nada justificará sua continuação.

BARAÕ

Mas é que as leis do paiz até hoje garantiram a escravidão como um factó legal.

CONSELHEIRO

Teriamos muito que dizer ainda, meu amigo, a tal respeito. Demos porém, por hypothese, como abolida a escravidão, diminuido o functionalismo, garantida a liberdade do voto, extincta a guarda cidadã, que tanto tem desmerecido de seu primitivo mister, e tudo será melhorar. A fome de emprego publico é uma das grandes causas de corrupção. Vêem essa multidão de moços que enchem os cafés e theatros,

de *pince-nez* aos olhos e de calsinha justa? Vêem um sem numero de anciãos, soffrendo as maiores privações, envelhecidos prematuramente pelas apprehensões e pelas difficuldades da vida? Os primeiros são aspirantes a empregos publicos; os segundos foram demittidos d'esses empregos pela ascensão da nova politica. Não ha um só d'entre tantos d'essa população fluctuante que saiba manejar a charrúa como Cincinnato. Alguns são conservados, porque, para não serem privados dos empregos, apedrejam o poder que desce e festejam o poder que presumem subir. Miseria! Immoralidade! Só se pensa em viver da renda publica! D'ahi a corrupção politica, a versatilidade, o servilismo e—o que mais sei? —a relaxação dos costumes publicos e a depravação dos costumes privados!

ARTHUR com enthusiasmo

V. exc. falla como mestre, tal é a verdade e tal a eloquencia de suas palavras.

CONSELHEIRO

Preste attenção, criança. Cumpre quanto antes diminuir os empregos, para obrigar esses milhares de braços a cultivar a terra, a industria, o commercio, fazendo fortuna de seu trabalho sobre a materia prima, e se tornando independente das oscillações da politica, que de um dia para outro lançam tantas familias na indigencia pelas reacções classicas dos nossos partidos.

Cumpre inculcar no animo do povo, no espirito de todos esta verdade — que viver de emprego publico é ter um presente escasso e um futuro ephemero e miseravel. Pensam que si eu tivesse filhos lhes aconselharia a vida publica? Enganam-se. Havia de preparal-os para a agricultura, o commercio, as industrias e as artes. Mas estou fatigado de fallar.

BARAÕ

Vamos. Dão o andar

CONSELHEIRO

E todavia só em a mocidade confio que porá todas estas cousas a caminho, essa mesma mocidade, que, si olha para o cofre dos empregos é por inexperiencia, e em quem é licito ainda suppor certa pureza moral e certo patriotismo de bom agouro. *Desapparecem*

SCENA V

COUTINHO, ADELAIDE

COUTINHO

Visto isso, minha senhora, vou já buscar-lhe um medico.

ADELAIDE

Frustradas tentativas! D'aqui só ha um passo a dar para diante, passo fatal, inevitavel—o decorrer de alguns dias; e é para o túmulo.

COUTINHO

Adeus. Aconselho-lhe repouso e confiança no céu.

ADELAIDE

Não esquecerei suas prudentes recommendações.

Coutinho sahe para a esquerda do espectador, emquanto que Azevêdo entra pela direita.

SCENÆ VI

ADELAIDE, AZEVEDO

AZEVEDO

As suas ordens, minha senhora.

ADELAIDE

Eis aqui as chaves da casa. Peço-lhe que entregue-as sem demora ao barão.

AZEVEDO

Vou agora mesmo.

ADELAIDE

Cumpra-se a determinação do perfido.

AZEVEDO

Console-se.

ADELAIDE

Faça-me outro obsequio. Do que houver occorrido com o barão, venha dar-me parte. Desde hontem que não vejo o Tavares.

AZEVEDO

Com licença. Volto já. Sahe.

Adelaide accende uma véla. Tosse, põe a mão no peito e deita uma golphada de sangue no lenço.

ADELAIDE

Sangue ! Sempre sangue !

MARCELINA, dentro.

Posso entrar ?

ADELAIDE

Entre. Marcelina entra, conduzindo um búle em uma bandeijinha.

SCENÆ VII
ADELAIDE, MARCELINA

MARCELINA

Aqui está o chá.

ADELAIDE

Quanta solicitude!

MARCELINA

Seu incommodo não espera. Esta chave-na vai prestar-lhe um grande bem ao peito.

ADELAIDE

Pensa isso? Veja o que tem este lenço.

MARCELINA

Que é isto?

ADELAIDE

Sangue, que vem-me do coração.

MARCELINA

Que é que diz?

ADELAIDE

Quando se chega a tal estado, crê que estas folhas de infusão possam restituir uma vida exaurida no pranto e na dor ?

MARCELINA

Não desanime! Pobre moça! Tome sempre esta chavena. Ha de sentir grande allivio.

AZEVEDO, fóra.

Abra.

MARCELINA

Quem será ?

ADELAIDE

Abra.

SCENA VIII

AS MESMAS, AZEVEDO

AZEVEDO

Minha senhora..

ADELAIDE

Diga... diga. !

AZEVEDO, á Adelaide.

Não se assuste. Sahi a correr. O rumor, que derramou na praça do Rio a quebra do

Souza, cada vez augmenta mais. Muitas casas fortes fecharam-se. Grandes fortunas estão arruinadas. E sabe? O barão perdeu uma avultada somma. Isto impressionou-o tanto, que o levou ao leito, talvez da morte!

ADELAIDE

Que é que diz, senhor? Deixa cair a chavena.

MARCELINA

Que tem, moça?

Adelaide reclinou-se ao hombro de Marcelina.

AZEVEDO

Não se impressione com isso. Assim mesmo é que devia acabar aquelle selvagem. Ruído á direita do jardim.

SCENA IX

OS MESMOS, UM HOMEM DO POVO, POVO

Um homem do povo, correndo, galga o gradil do jardim, trepa-se a um caramanchel, sobe á coberta da casinha da esquerda e desaparece;—multidão de individuos galga-o tambem.

POVO, gritando.

Pega o assassino!

SCENA X

OS MESMOS, ARTHUR, e logo depois **SOLDADOS**

ARTHUR, aos individuos.

O que é isto ?

UM HOMEM DO POVO

Era um scellerado, que evadiu-se da prisão e matou, de passagem, dous vendelhões no Catête.

SOLDADOS, azafamados.

Pega o assassino ! O povo e os soldados correm pela esquerda.

MARCELINA

Que desordem, meu Deus !

ARTHUR, no jardim.

O criminoso talvez esteja n'este casebre !
Galga o gradil e entra.

ARTHUR, entrando na sala.

O assassino ?!

ADELAIDE, em delírio nos braços de Marcellina.

Estou morta. Diante dos meus olhos só vejo espectros pavorosos. Ouço gemidos e soluços lugubres. A maldição de meu pai, a maldição de Luiz! E o barão cospe nas minhas faces! E o monstro da infamia empolga-me com suas garras aduncas e arroja-me no abysmo do vicio! Oh! fugi, homens depravados! Eu não sou uma messalina! Enganais-vos! Fugi!

ARTHUR

Esta mulher!

ADELAIDE

Quem é este homem?

AZEVEDO

Um medico. Vém salva-a.

ADELAIDE

Salvar-me! Foge, foge! Tu queres cuspir sobre minhas faces! *Transição.* Mas eu o conheço, senhor. Perdôe-me! Tenho soffrido tanto que fôra um dever seu ter compaixão de mim.

ARTHUR

Adelaide! Aqui! Em tão deploravel situação! Chora e sahe succumbido.

SCENA XI

**ADELAIDE, AZEVEDO, MARCELINA,
LUIZ**

LUIZ

Quero vê-la. Está melhor ?

AZEVEDO, apontando.

Quasi cadaver, senhor !

LUIZ

Oh ! E o senhor me diz isto assim ? ! Corre para ella. Adelaide ?

ADELAIDE

Luiz ! Quão tarde vem !

LUIZ

Porque me despreza ?

ADELAIDE

Acha que o desprezo ?

LUIZ

Pois então ! Porque rejeita minha mão,
minha casa, meus desvelos, meus sacrificios ?

ADELAIDE, sentando-se.

Quer que lhe responda ? Pois sim ; é porque o amo !

LUIZ

Isto é um supplicio ! Si vivermos juntos poderemos ainda ser muito felizes. Caha-lhe aos pés.

ADELAIDE

Felizes ? Não.

LUIZ, exaltado—levantando-se.

Meu Deus ! Esta mulher me odeia, ou então escarnece de mim !

ADELAIDE

Engana-se. E' que eu o amo e muito, Luiz. Ah ! E' que o senhor ainda me não comprehendeu !

LUIZ, encara-a hallucinado.

Não é possível ! Quer ludibriar-me ? Pois eu começo a. desprezal-a !

ADELAIDE, supremo esforço—erguendo-se da cadeira.

Luiz !

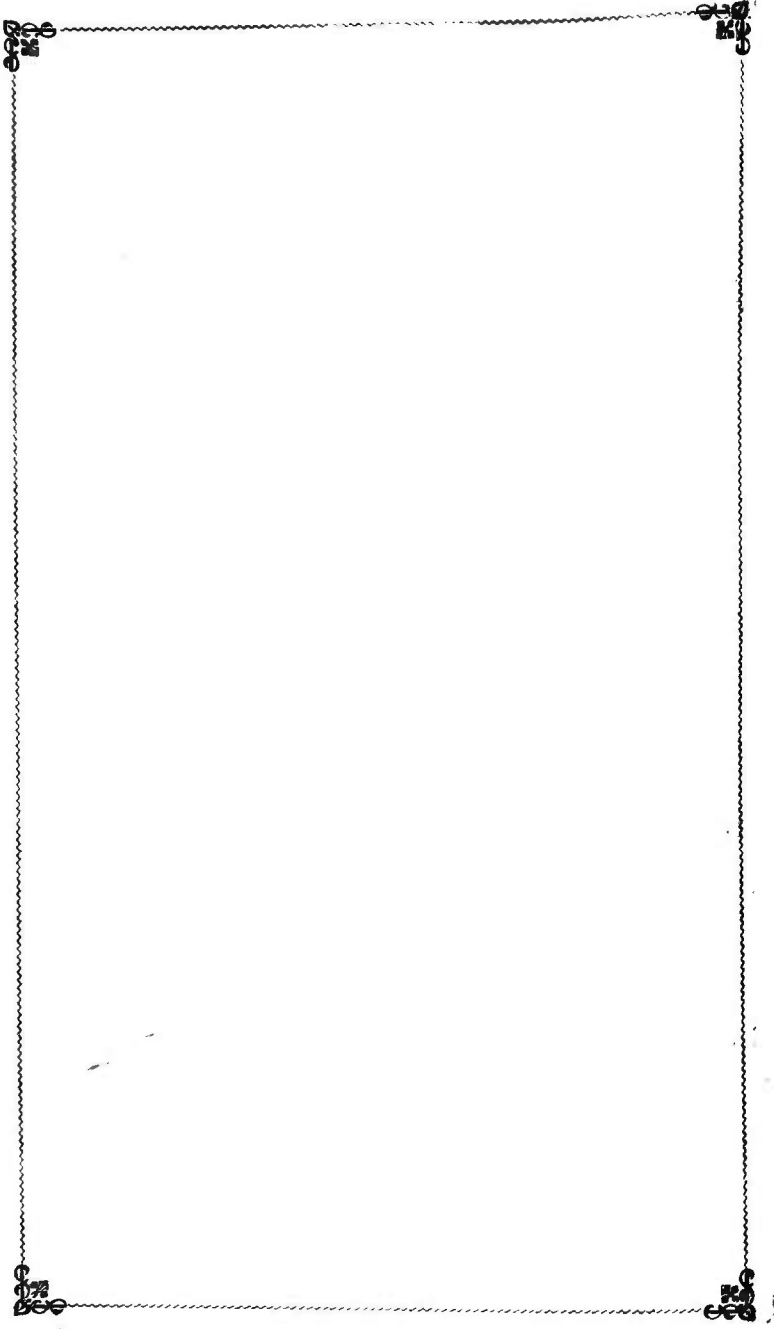
LUIZ

Meu Deus !

ADELAIDE, transição sublime.

Cumpra-se este destino inexoravel! A Marcelina. Minha senhora, traga-me uma luz para me ajudâr a morrer. Que dor! Reclina-se ao hombro de Marcelina. — Luiz corre para junto d'ella, pega-lhe das mãos, dá-lhe um beijo na frente, e encara-a com olhar profundo. Depois sacode as mãos d'ella com arrebatamento e sahe como louco.

FIM DO SEXTO QUADRO.



SETIMO QUADRO

Tem passado um mez. Raros moveis. Sobre uma pequena mēsa uma imagem do Crucificado. A sala é a mesma que appareceu á esquerda no quadro sexto. E' ao cahir da tarde.

SCENA XII

ADELAIDE, LUIZ

Muita força e vivacidade n'esta scena, principalmente quando vai tocando á conclusão.

ADELAIDE

Não devia desprender-me da vida, antes de fallar-lhe cinco minutos. Por isso o mandei chamar.

LUIZ

Levante-me de uma vez o seu véu. Olhe para mim e veja si sou aquelle de outr'ora. Poderá avaliar quantos padecimentos tenho curtido durante este espaço de um mez, em que dei-xei de vê-la para abraçar-me com minha desgraça e lavar sua amargura com prantos de meus olhos ?

ADELAIDE

Um mez sem ver-me, um mez sem vê-lo, Luiz ! O senhor não sabe amar !

LUIZ

Adelaide, rasgue o invólucro de seu coração e mostre-m'o. Quero ler seus hieroglyphos para ver si o entendo, já que suas palavras, durante tanto tempo, só têm contribuído para confundir-me.

ADELAIDE

Escute. Pausa. Que idéa faz do amor ?

LUIZ

Uma idéa suprema e fatal !

ADELAIDE

Seria talvez ridiculo para o mundo ouvir-me fallar em amor, prestes a cair entre os braços de uma campa. Mas, Luiz, diga-me que o mundo não me ouve ; que eu estou bem escondida no fundo de meu quarto ; que o lugubre echo de minhas derradeiras palavras não passará além d'estas parêdes impassiveis. Todas as portas estão fechadas, bem fechadas, não ?

LUIZ

Falle, falle, Adelaide. Aqui só ha uma alma que a escuta pelo coração— sou eu, Adelaide, eu que não sou o mundo.

ADELAIDE

Sabe porque disse que o mundo riria do que vou revelar-lhe, caso pudesse ouvir-me ? Porque elle entende que o amor é uma luva que se caça por luxo ; e morrer assim fôra. um disparate !

LUIZ

Que irá dizer-me ?

ADELAIDE

Entretanto, o amor é mais do que isso ; é tudo. Educam as almas pelo espirito e deixam que o sentimento succumba desattendido, como a larva morta na chrisalida. Pensam os pais que na vida conjugal a afeição nasce a modo de arbusto que se planta. Engano funesto ! Muitas vezes a mão cansa de plantar a semente, que morre, sempre que o solo é refractario á vegetação.

LUIZ

Adelaide !

ADELAIDE

Um minuto antes, ao evocar a historia da cortezan *coquette* que ostentava nas salas todas as suas graças e seducções, sem duvida não pensaria, Luiz, que essa cortezan — hoje uma múmia — seria capaz da comprehender o amor assim !

LUIZ

Não, de certo. Mas então.

ADELAIDE

Eu o amava. Os preconceitos e os hábitos da epocha condemnavam minha paixão. De um lado lutava com os costumes obsoletos da côrte. Do outro meu pai dizia-me que o coração de uma moça era um estôfo macio de sêda, docil a receber em seu seio este ou aquelle idolo que a razão escolhesse. Fechei os olhos, Luiz, e quando abri-os, achei-me com os pés gottejando sangue dos cardos do meu caminho, feito ás toptas nas trevas do abysmo. As sêdas tinham-se incendiado, e do meu coração só restavam cinzas!

LUIZ

Morro em ouvil-a. Não olhe para o caminho que deixou atrás de sí, marcado de pegadas sombrias. Olhe para mim, Adelaide; sobre nas cinzas de seu peito, e talvez ainda encontre fogo bastante para aquecer-me a gelada esperança.

ADELAIDE

Que quer dizer, senhor?

LUIZ

Que o amor é uma belleza da alma e não um

esmalte corporeo. Sua alma não está virgem ?
A minha também o está. Casemol-as.

ADELAIDE

Já não estão casadas, senhor ?

LUIZ

Casemol-as pelo laço solemne da religião.
Não poderei viver na ausencia de seus presti-
gios. Minha existencia é uma lampada de vi-
dros multicores, mas falta-lhe a luz, collocada no
peio do sanctuario, para dar vida á variedade dos
prismas.

ADELAIDE

Lembra-se porque foi que meu pai não an-
nuiu ao nosso consorcio ?

LUIZ

Para que acorda essas amarguras pungen-
tes para a senhora e para mim ?

ADELAIDE

Tenha paciencia ; ouça. Meu pai que in-
felizmente commungava no modo de ver da so-
ciedade, chamava-o — *comico*, e repellia-o pelo
ferrête da arte.

LUIZ

E eu desgraçadamente sou ainda o comico ! E' por isso que recusa minha mão ?

ADELAIDE

Não. E' que n'esse tempo a sociedade me julgava ácima do senhor, e hoje eu me considero abaixo.

LUIZ

De mim ?

ADELAIDE

Fite seus olhos na minha frente. Por entre as rugas da epiderme collada aos ossos, não distingue uma nodoa que me envilece ?

LUIZ

Vejo-lhe a corôa de um martyrio.

ADELAIDE

Engana-se. O que ahi ha é o estigma do opprobrio. Chora.

LUIZ

Adelaide, sacrificio por sacrificio. A senhora immolou sua virgindade, eu immolarei meu amor proprio. Mas ácima de tudo isto, comprehenda, ha o amor que cura as ulceras mais

fundas; ha a nobreza e a magnanimidade do affecto.

ADELAIDE

Falla-me em nobreza; appello em nome d'ella. Não consentirei que o senhor se case com uma mulher

LUIZ

Senhora !

ADELAIDE

Acalme-se. Deixe-me morrer debaixo do peso de minha cruz. Nosso consorcio é inexequivel. A energia de que o mundo carece, tenho-a eu. Não quizeram que eu me ligasse ao artista; tambem não quero que o artista seja consorte de um mulher impura: o artista está mais alto que o barão, e o barão repudiou-me. Considero-me indigna de seu amor, porque não tenho as virtudes da virgem para perfumar-lhe a existencia. O amor é fatal — disse-o. Pois bem: curvo a cabeça ao destino.

LUIZ

Mas não vê que mata-me? Adelaide, o passado é um cadaver; não o desenterre. Compadeça-se de mim. Tenho lagrimas crystalisadas dentro do peito; ellas rebentarão flores ou perolas talvez. Quero viver. A vida é uma celestial mansão ao lado de um anjo. Dê-me a vida.

ADELAIDE

Posso eu dar-lhe o que não possúo ? O senhor endoudece. Mas eu o amo louca, infinitamente, Luiz !

LUIZ

Oh ! Abraça-a e beija-a.

ADELAIDE

Que destino, meu Deus !

LUIZ

Tudo quanto acaba de dizer-me foi um episodio de romance, não é verdade ?

ADELAIDE

Engana-se, senhor.

LUIZ

Adelaide !

ADELAIDE

Não.

LUIZ

Eu desatino !

ADELAIDE

Cruel supplicio ! Prometta-me ao menos que o amor que me tem não ha de pertencer

nunca á mulher nenhuma d'este mundo. Será
minha ultima consolação.

LUIZ.

A senhora leva-me á desesperação.

ADELAIDE

Promette ?

LUIZ, confuso.

O que é esta mulher, Deus meu ? !

ADELAIDE, prostrada.

Não posso mais. Estou tão abatida. A
violencia d'estes choques abalou-me em excesso.
Aproxima-se o momento supremo da separação
para sempre. Prometta-me não amaldiçoar mi-
nha memoria.

LUIZ, como louco.

Adelaide, quer que eu me mate ?

ADELAIDE, radiante.

Que diz ?

LUIZ, solemne.

Deixarei o mundo para acompanhal-a além
—tumulo.

ADELAIDE

Acceito o sacrificio cruento de sua morte.

Fôra minha suprema felicidade. Oh ! mas é uma loucura ! O senhor matar-se por mim !

LUIZ, como acima.

Juro ! Vai a sahir. Adelaide o detém e beija-o.

SCENA XII

OS MESMOS, MARCELINA

MARCELINA, entrando.

Vinha vê-la, minha senhora, Luiz sahe.

ADELAIDE •

Que horas deram ?

MARCELINA

Seis. Vim trazer-lhe a ultima porção do remédio. Tome.

ADELAIDE, mau humor.

Vá para longe com isso.

MARCELINA

A senhora vai mal. Põe o remédio sobre a mesa.—

Ouve-se cantar á direita a aria de Jliêta e Romeu.

ADELAIDE

Onde é que tanto tocam e cantam desde hontem ?

MARCELINA

Aqui á direita, no palacio do barão de Serinhaem. A filha casou-se ha dias, e ainda róla a festa.

ADELAIDE

Com quem ?

MARCELINA

Com o doutor Arthur, aquelle moço que esteve aqui n'aquella noite de seu terrivel accesso.

ADELAIDE

Ah !. Sim. Batem á porta. Veja quem é.

SCENA XIII

AS MESMAS, COUTINHO

COUTINHO

Folgo de vê-la melhor.

ADELAIDE

Não póde esquecer-se da misera.

COUTINHO

O remedio produziu feliz resultado? A senhora dormiu? Descansou? Passaram-lhe a irritação e a febre?

ADELAIDE

A febre! E' o estado natural da alma que soffre as impressões de uma recordação sinistra.

COUTINHO

Não é natural esse seu progressivo desanimo.

ADELAIDE

Pois em que hei de ter mais esperanza? Fôra uma insania confiar, quando é tão formal o desengano.

COUTINHO

Veio o padre ?

ADELAIDE

Veio. Fiquei com o espirito tão placido.

COUTINHO

A religião é um balsamo.

ADELAIDE

Dá-me novas de meu pai ?

COUTINHO

Prepara-se para partir amanha no vapor para Pernambuco.

ADELAIDE

Veja si póde conduzil-o até aqui.

COUTINHO

Hei de fazel-o. Estou certo de que não será preciso esforço para o conseguir.

ADELAIDE

Quero vê-lo ainda uma vez, ouvir de seus labios doces consolações. Um pai tem sempre um lado de pai.

COUTINHO

Elle ha de vir. Tranquillise-se. Batem

ADELAIDE, á Marcelina

Conduza-me para o meu quarto. Desapparecem pela esquerda do espectador em quanto Coutinho vai ver quem bate.

SCENA XIV

COUTINHO, FONSECA, ADELAIDE

COUTINHO

Pois era o senhor?

FONSECA

Embarco amanhã para Pernambuco, e fôra-me impossivel partir antes de vir vê-la: sempre ha um conforto n'isto, senhor Coutinho. Chora.

ADELAIDE, dentro, na alcôva.

E' impossivel que eu me illuda. Conheço esta voz.

COUTINHO

Não fez mais do que anticipar-se. Mesmo agora ia eu procural-o.

FONSECA

Para que, senhor?

ADELAIDE, dentro.

E' elle. Não ha duvida. Chega á porta que dá para a sala.

COUTINHO

N'este instante pedia-me a pobre moça que o fizesse chegar aqui.

FONSECA

E' certo então que ella não se esqueceu de mim ?

ADELAIDE, apparecendo — com arrebatamento.

Esquecê-lo !

SCENÆ XV

OS MESMOS, ARTHUR

ARTHUR, que entra.

Coutinho, quiz vê-la ainda.

ADELAIDE

Meu. pai! Commoção geral.

FONSECA, olhando-a.

Que mulher é esta, meus senhores ?

COUTINHO

Pois não a conhece ?

ADELAIDE

Sou sua filha.

FONSECA

Minha filha! Pois és tu, Adelaide, tu, este duende que me horrorisa?

ADELAIDE, em pranto.

Meu pai!

FONSECA

Vém, minha filha. Com effusão. Sou ainda teu pai e sêl-o-hei sempre!

ADELAIDE

Sim, eu o creio. Corre a abraçá-lo.

ARTHUR, a Coutinho.

Ao que se acha reduzida esta mulher!

COUTINHO

Victima da ambição de um pai! Martyr da submissão de um filho!

FONSECA, tendo-a abraçado e beijado.

Adelaide, perdôas-me? Silencio profundo. Per-

dôas-me? Eu fui teu algoz, mas peço-te hoje o perdão. Fonseca, sentindo que ella enfraquece, pegu-lhe da mão e senta-se no sophá, de modo que Adelaide fique com a cabeça deitada sobre os joelhos d'elle e o resto do corpo por terra.

COUTINHO, aproximando-se.

Senhor! Reparando n'ella.

FONSECA, sobresaltado.

Que quer dizer?

COUTINHO, fazendo signal com as mãos para que Arthur e Marcelina se aproximem.

Não vêem? Apontando. Está morta!.

ARTHUR, FONSECA, MARCELINA.

Morta!

FONSECA, abalando-a.

Minha filha! Minha filha!.

COUTINHO

Foi ressuscitar no céu. Pausa.

ARTHUR, a Fonseca.

Permitta-me beijar a mão d'este corpo, se-

nhor!. E' o meu primeiro amor que morre; nós—os poetas—temos sempre uma lagrima no fundo do coração para choral-a sobre a sepultura do nosso primeiro amor. Ajoelha e beija a mão de Adelaide. Marcelina tem ido buscar a imagem do Crucificado e chora tambem. Silencio profundo.

SCENA XVI

OS MESMOS, LUIZ

LUIZ, entrando precipitado.

Aqui estou, aqui estou, Adelaide. Arthur levanta-sc. Pela porta do fundo, que Luiz deixou aberta, ao entrar, vê-se além o sol no occaso, quasi a desaparecer.

COUTINHO, solemne.

Silencio e resignação! Está tudo acabado sobre a terra! Aponta.

LUIZ, choque profundo.

Morreu! Adelaide!

FONSECA

Ainda este homem!

LUIZ, em delirio.

Ai! de mim! Sou o maior dos desgraçados!
Indo de um lado para o outro, encara a imagem do Crucificado que está em mão de Marcelina. Aponta para a imagem. Deus! Tu não és Deus! O amor?! E' uma maldição! A sociedade?! Um cruel presidio! Soffrer dia a dia, instante a instante, até á loucura, até á morte — eis a vida. Fitando a imagem. Onde está a tua bondade, pavoroso enigma?!

COUTINHO, reprehensivo.

Luiz!

LUIZ, fitando a imagem.

Onde está a tua misericordia, tu, que me arrancas com tão rude golpe minha derradeira esperança?

COUTINHO

Está na resignação.

LUIZ, com desespero.

Inferno! Oh! dor! Tira rapidamente uma pistola do bolso, arma-a, leva-a á cabeça e dispara-a.

COUTINHO, tendo-lhe batido no braço e desviado o tiro.

Que resolução era a sua, Luiz?

LUIZ

Cumprir um juramento solemne---matar-me!

COUTINHO

E' preciso ser homem !

ARTHUR

Tenha coragem, como eu tive, senhor. A dor ennobrece as almas. Deus é como a nuvem que appareceu aos israelitas no deserto — de um lado a sombra para os que gozam, do outro a luz para os que soffrem ! Commoção.

LUIZ, como ha pouco.

Mas o meu juramento ?

COUTINHO

Não sabe que as lagrimas confortam ? Luiz cahe aos pés de Adelaide com as mãos nos olhos.

FONSECA, a Coutinho.

Ella chora. Mas na flor de seus labios lividos paira um sorriso sereno como aquelle ultimo raio do sol que agonisa no occaso. Aponta para o occidente.

ARTHUR

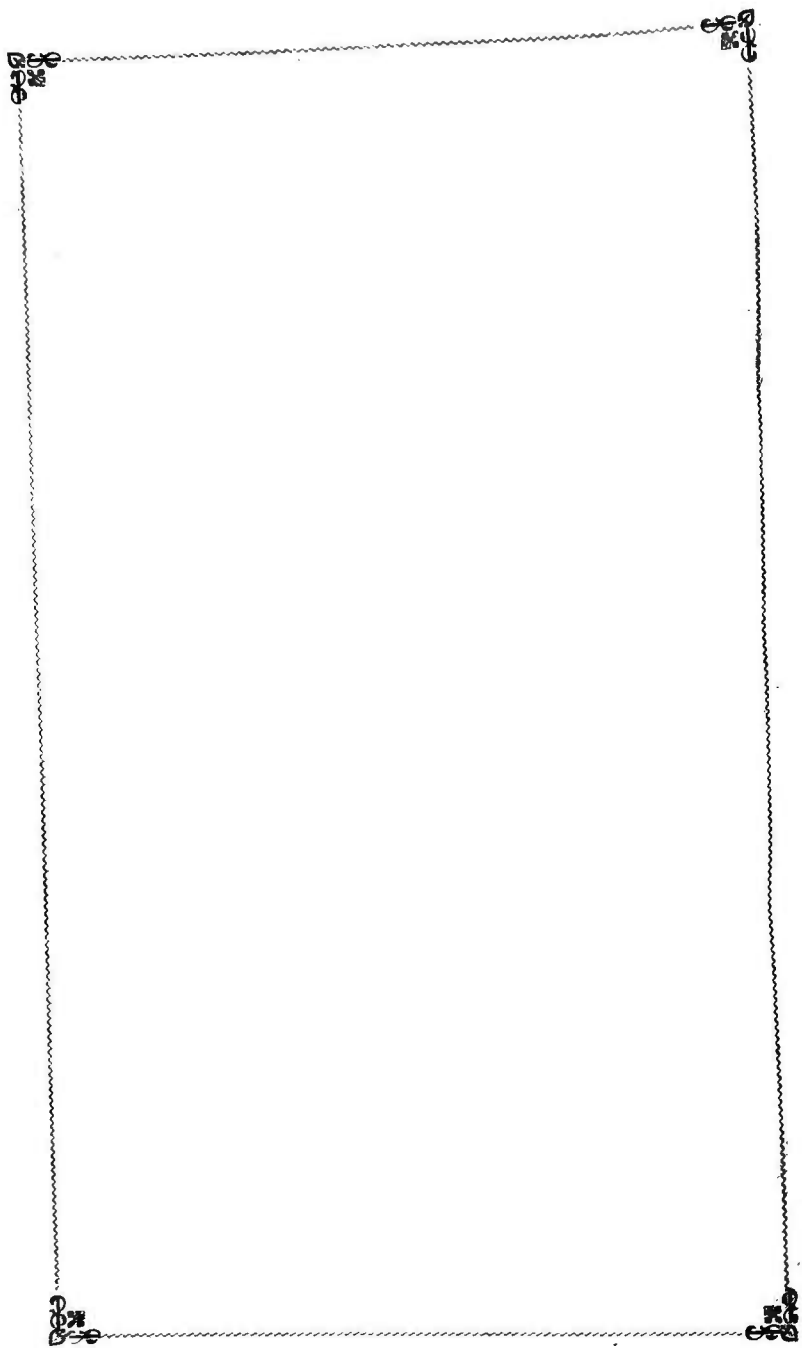
E' que essa é a lagrima da redempção.

LUIZ, erguendo a cabeça.

Não. Soluçando. E' a do amor. Curva a cabeça. —
Silencio profundo. — Todos choram em derredor do cadaver.

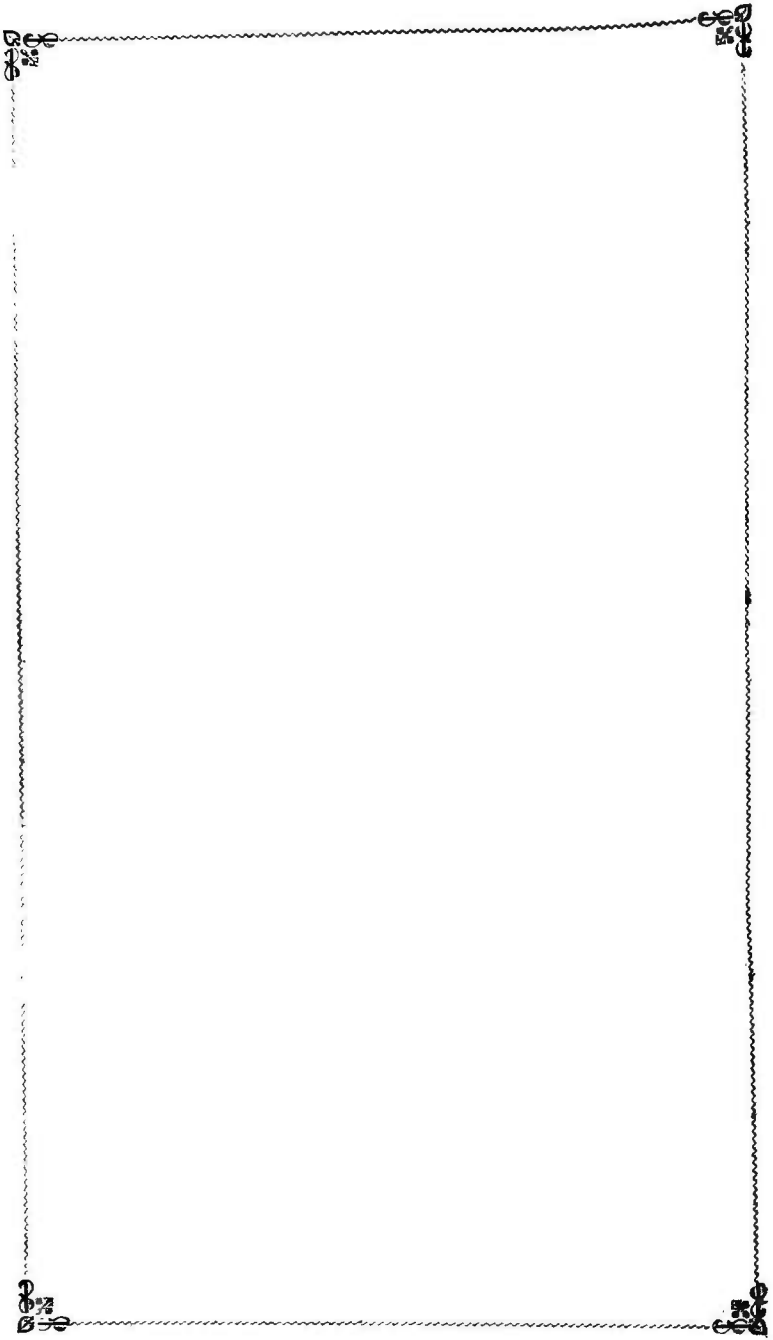
FIM DO DRAMA.

— ee —





NOTAS.



NOTAS.

PAG. 11.—UMA BRILHANTE JUVENTUDE.—Alludo aos meus collegas do *Gremio Dramatico do Recife*, sociedade litteraria que instituimos n'esta cidade com o fim de animar e desenvolver o gosto; o estudo e o cultivo da litteratura dramatica pelo theatro e pela imprensa.

O muito que esta associação tem feito em tão pouco tempo de existencia, exhibindo em suas sessões publicas quatro composições dramaticas nacionaes dos jovens drs. Carneiro Villella e Almeida Cunha, e Oliveira Sobrinho e Marinho Palhares (academicos) augura os mais proveitosos beneficios ás lettras do paiz.

PAG. 42.—ADMIRO E ALMEJO UM AMOR VERDADEIRO etc.. Está visto que, quando fallamos do *amor de Fausto*, referimos-nos, não ao amor do personagem com este nome, e sim ao character apaixonado que domina em todo o *ensemble* da obra; como poderíamos dizer, por exemplo: o amor das *Paginas da Juventude*, de Lamartine.

PAG. 83.—TENHO DE AMBOS ESTES FAMOSOS ELIXIRES EM MEU CAMARIM. Na côrte, onde devem haver outro cuidado e zelo dos funcionarios fiscaes, e mesmo certo pundonor e proposito da parte dos actores de apparecerem bem, será talvez difficil verificar-se a hypothese figurada no drama. Cá pela provincia, não seria cousa do outro mundo ver se d'isso; damos testemunho.

PAG. 88.—PASSEI NOS CAMPOS DE NAPOLES etc. Não queiram ver contradicção entre este dizer de Georgina e estas palavras de Perez, referidas por ella, á pag. 86: "Esse homem era meu amigo. Contou-me tudo e depois..... matei-o." Assim como na vida real nem tudo quanto o individuo diz é sempre verdade, do mesmo modo na fabula do drama a affirmativa nos labios de uma das figuras não quer dizer que ella não possa ter dito uma inexactidão. O facto de haver dito Perez que matára o amante de Georgina não pôde

significar absolutamente que tal acontecimento se dêsse. A asseveração de Georgina o desmente e é o que deve prevalecer como veridico, por não ser contradicta.

PAG. 111.—HOMEM DE PERGAMINHO. — Arthur, não havendo ainda completado seus estudos, não podia dizer-se propriamente *um homem de pergaminho*. O barão de Sant'Anna porém o chama tal em attenção a achar-se elle em seu ultimo estadio academico, prestes a doutorar-se, e portanto a receber um titulo. É uma locução figurada.



